



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA  
CAMPUS PEDREIRAS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

**JÉSSICA LOURRANNY PEREIRA DE ASSUNÇÃO**

**FIOS DA ANCESTRALIDADE:** uma análise da representação do cabelo/trança afro em  
*Becos da Memória* de Conceição Evaristo e *Diário de Bitita* de Carolina Maria De Jesus

Pedreiras  
2025

**JÉSSICA LOURRANNY PEREIRA DE ASSUNÇÃO**

**FIOS DA ANCESTRALIDADE:** uma análise da representação do cabelo/trança afro em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo e *Diário de Bitita* de Carolina Maria De Jesus

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Coordenação do Curso de Letras em Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

Pedreiras  
2025

Assunção, Jéssica Lourranny Pereira de.

Fios da ancestralidade: uma análise da representação do cabelo/trança afro em Becos de Memória de Conceição Evaristo e Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus / Jéssica Lourranny Pereira de Assunção. - Pedreiras - MA, 2025.

47 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

1. Representação. 2. Cabelo afro. 3. Ancestralidade. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)


## JÉSSICA LOURRANNY PEREIRA DE ASSUNÇÃO

**FIOS DA ANCESTRALIDADE:** uma análise da representação do cabelo/trança afro em *Becos da Memória* de Conceição Evaristo e *Diário de Bitita* de Carolina Maria De Jesus

Monografia de Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Coordenação do Curso de Letras em Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Língua Portuguesa.


Aprovada em: 22 de dezembro de 2025.

### BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente  
 RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA  
Data: 15/01/2026 08:53:46-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira (UEMA)  
Orientador/Presidente

Documento assinado digitalmente  
 REGILANE BARBOSA MACENO  
Data: 15/01/2026 16:54:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Regilane Barbosa Maceno (UEMASUL)  
1<sup>a</sup> Examinadora

Documento assinado digitalmente  
 MARIA EVELTA SANTOS DE OLIVEIRA  
Data: 15/01/2026 22:51:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Evelta Santos Oliveira (UEMA)  
2<sup>a</sup> Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus pela oportunidade de chegar até aqui, mesmo diante das lutas e dificuldades que enfrentei ao longo desta trajetória.

Agradeço à minha família, que me deu apoio incondicional e fez de tudo para que eu pudesse concluir este percurso acadêmico.

Aos meus amigos da UEMA, companheiros de jornada, com os quais dividi momentos bons e difíceis, compartilhando os desafios e as exigências diárias que a Universidade impõe.

À minha amiga Vitória, que mesmo à distância nunca deixou de torcer por mim e pelas minhas conquistas, oferecendo palavras de apoio e carinho nos momentos em que mais precisei.

Aos meus professores da Universidade, por contribuírem para minha formação intelectual e humana. Em especial, ao meu orientador, professor Rubenil da Silva Oliveira, homem de grande inteligência e memória admirável, que me acompanhou com generosidade nas leituras, sugestões e orientações. Seu compromisso sempre decolonial guiou este trabalho e ampliou meu olhar crítico sobre a literatura e o mundo.

Ao meu companheiro de vida, Wytallo, pela paciência em ouvir minhas inquietações em cada nova descoberta, por comemorar comigo cada singelo passo e me incentivar a continuar, mesmo nos dias mais difíceis.

A mim mesma, por ter resistido nos dias cansativos, por me levantar para escrever mesmo quando parecia impossível seguir adiante.

Como afirma Lélia Gonzalez: “O negro pode chegar aonde quiser, basta que a sociedade lhe reconheça o direito de existir e conquistar.”

Este trabalho é fruto de todas essas forças que me sustentaram, inspiraram e caminharam comigo.

“O corpo negro resiste porque carrega em si a memória de quem, apesar de tudo, nunca deixou de existir”.

*Beatriz Nascimento*

## RESUMO

Este trabalho analisa a representação do cabelo afro e das tranças como elementos que revelam a ancestralidade, identidade e resistência nas obras *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus. Esta pesquisa fundamenta-se na ideia de que, mesmo o cabelo crespo ser um grande marcador da cultura negra e ser carregado de histórias, ele sempre foi estigmatizado e rejeitado na sociedade, por estar fora dos padrões considerados aceitos no sistema social brasileiro. Nessa perspectiva, a pesquisa discute como essas escritoras ressignificam esse pensamento ao atribuir novas dimensões ao corpo negro, incluindo-o na literatura e abrindo espaços para serem ouvidos e reconhecidos. Para embasar essa análise recorreu-se a estudos afro-brasileiros e afrodiaspóricos, como hooks, Munanga, Kilomba e Gomes, articulando teoria e literatura para investigar como o cabelo e as tranças aparecem como elementos de opressão, mas ao mesmo tempo como afirmação de identidade. Com a análise qualitativa das narrativas, foi observado que o cabelo vai além de um traço estético, ele também funciona como um símbolo que denuncia violências estruturais, questiona os padrões de beleza e reafirma a força da ancestralidade africana. Ao trazer essas representações para o centro do campo literário, Evaristo e Jesus enriquecem e ampliam o espaço de fala das mulheres negras na literatura brasileira, valorizando vivências que historicamente eram excluídas e pouco legitimadas pelos discursos oficiais. Desse modo, o trabalho reforça a relevância do cabelo afro como marca de pertencimento, resistência e memória na literatura afrofeminina.

**PALAVRAS - CHAVE:** Representação; Cabelo afro; Ancestralidade; Resistência.

## ABSTRACT

This study analyzes the representation of Afro hair and braids as elements that reveal ancestry, identity, and resistance in the works *Becos da Memória* (2006), by Conceição Evaristo, and *Diário de Bitita* (1986), by Carolina Maria de Jesus. Based on the idea that, although curly hair is a significant marker of Black culture and carries ancestral histories, it has long been stigmatized and rejected in society for falling outside the standards considered acceptable within the Brazilian social system, this research discusses how these writers reframe this perspective by attributing new dimensions to the Black body, including it in literature and creating space for it to be seen, heard, and acknowledged within a narrative that has historically silenced it. To support this analysis, the study draws on Afro-Brazilian and Afro-diasporic scholarship, such as Hooks, Munanga, Kilomba, and Nilma Lino Gomes, articulating theory and literature to examine how hair and braids appear both as elements of oppression and as expressions of identity. Through a qualitative analysis of the narratives, it was observed that hair goes beyond an aesthetic trait; it also functions as a symbol that exposes structural violence, questions beauty standards, and reaffirms the strength of African ancestry. By bringing these representations to the center of the literary field, Evaristo and Jesus enrich and expand the space for Black women's voices in Brazilian literature, valuing experiences that were historically excluded and rarely legitimized by official discourse. Thus, this work reinforces the relevance of Afro hair as a marker of belonging, resistance, and memory within Afro-feminist literature.

**KEYWORDS:** Representation; Afro hair; Ancestry; Resistance.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 ENTRE TRAMAS E TRANÇAS: escrituras e caminhos da literatura afrofeminina ..</b>	<b>11</b>
<b>2.1 Breve historiografia da literatura afrofeminina no Brasil .....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 O entrelaçamento dos fios e a força ancestral: breve história do cabelo afro .....</b>	<b>17</b>
<b>3 A ESCRIVIVÊNCIA E O CABELO EM BECOS DA MEMÓRIA.....</b>	<b>23</b>
<b>3.1 Notas sobre o projeto estético de Conceição Evaristo .....</b>	<b>26</b>
<b>3.2 Fios que conectam vozes ancestrais: notas sobre o cabelo/trança.....</b>	<b>29</b>
<b>4 A POÉTICA DOS RESÍDUOS E DOS FIOS ANCESTRAIS EM DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS .....</b>	<b>33</b>
<b>4.1 O projeto estético-literário de Carolina Maria de Jesus.....</b>	<b>37</b>
<b>4.2 Fios que narram vivências: notas sobre o cabelo/ trança .....</b>	<b>41</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>47</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde o período colonial, a construção da imagem do negro na literatura brasileira, especialmente sob a perspectiva feminina, é marcada por profundas reflexões em torno da identidade, da memória e da resistência. Entre os elementos que simbolizam esses debates, o cabelo afro e suas inúmeras formas de trançado ocupam lugar central, emergindo como símbolos de ancestralidade e força, ainda que historicamente tenham sido estigmatizados e associados à ideia de algo “estranho” ou “feio” em comparação ao cabelo liso. Essa visão negativa, sustentada pelo racismo estrutural, fez com que muitas pessoas negras se submetessem a processos de alisamento ou até mesmo a tranças extremamente apertadas, na tentativa de esconder o volume natural dos fios e evitar xingamentos e preconceito no convívio social.

Na contemporaneidade, entretanto, o significado social do cabelo afro tem se transformado, quebrando estereótipos e abrindo espaço para a reconstrução de subjetividades negras. Ainda assim, trata-se de uma dimensão do corpo que permanece carregada de estigmas e preconceitos, revelando como a estética negra é atravessada por violências simbólicas. Nesse contexto, o presente trabalho propõe analisar a representação do cabelo e das tranças afro como elementos de ancestralidade e resistência nas obras *Becos da Memória* (2006), de Conceição Evaristo, e *Diário de Bitita* (1986), de Carolina Maria de Jesus. Pretende-se compreender de que maneira essas representações, presentes nas narrativas literárias, evidenciam experiências de identidade racial, memória coletiva e resistência cultural da mulher negra na literatura brasileira, bem como de que forma atuam no enfrentamento de estereótipos.

A escolha dessa temática também se relaciona com a vivência pessoal da pesquisadora, marcada pela dificuldade de aceitação do cabelo crespo em um contexto que valoriza padrões eurocêntricos de beleza. A busca pela adequação estética, por meio de processos químicos foi durante muito tempo uma tentativa de se encaixar no que era socialmente bem-visto. Entretanto, a inspiração de figuras negras de representatividade na mídia e na literatura possibilitou um processo de afirmação identitária, no qual o cabelo deixou de ser um motivo de negação e passou a ser reconhecido como herança ancestral. Assim, investigar o simbolismo do cabelo afro na literatura de autoras negras constitui também um exercício de valorização da cultura e da estética negras, rompendo com paradigmas que historicamente silenciaram e marginalizaram essas experiências.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar a representação do cabelo afro e das tranças nas obras selecionadas, considerando seu papel como marcador estético, social e cultural. Especificamente, busca-se: compreender como o cabelo e as tranças se articulam na construção das personagens negras em *Becos da Memória* e *Diário de Bitita*; discutir sua relação com a ancestralidade nas narrativas; e contextualizar essas experiências sociais e históricas no Brasil, atravessadas pelo racismo, pela exclusão e pela afirmação identitária.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa organiza-se da seguinte forma: no segundo capítulo, apresenta-se uma breve historiografia da literatura afrofeminina e uma discussão sobre o cabelo afro como elemento simbólico de resistência. O terceiro capítulo analisa a representação do cabelo em *Becos da Memória*, de Conceição Evaristo, enquanto o quarto capítulo se dedica ao estudo da obra *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus. Por fim, no quinto capítulo, apresentam-se as considerações finais, retomando os principais resultados da pesquisa

Metodologicamente, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de caráter exploratório e interpretativo, fundamentada na análise literária. O corpus da investigação é composto pelas duas obras mencionadas, que apresentam experiências sociais e subjetivas de mulheres negras brasileiras, tendo o cabelo afro como elemento simbólico de identidade, resistência e memória ancestral. Para subsidiar a análise, serão mobilizados referenciais teóricos dos estudos afro-brasileiros e afro-diaspóricos, tais como Kilomba (2019), Munanga (2004), hooks (2000), Nilma Lino (2006), entre outros, que discutem o corpo negro como espaço de significação e resistência. A análise foi desenvolvida a partir da seleção e interpretação crítica de fragmentos das obras em que o cabelo e as tranças aparecem como elementos de exclusão ou de resistência social, articulando-os aos conceitos teóricos.

A relevância deste estudo reside na possibilidade de ampliar os debates sobre identidade, pertencimento e memória coletiva, valorizando o protagonismo de escritoras negras que, por meio de suas narrativas, resgatam histórias silenciadas e denunciam as violências sofridas pela população negra. Refletir sobre a representação do cabelo afro na literatura não se limita à dimensão estética, mas revela-se como exercício de resistência cultural, de afirmação da ancestralidade e de enfrentamento ao racismo estrutural ainda presente na sociedade brasileira.

## **2 ENTRE TRAMAS E TRANÇAS:** escrituras e caminhos da literatura afrofeminina

Até o século XIX, o papel da mulher em meio a uma sociedade patriarcal, era somente de servir ao seu marido, cuidar da casa e exercer a função de reprodutora, sendo-lhe negado o direito de obter qualquer conhecimento ou educação formal. Essa proibição não visava apenas manter o controle sobre essas mulheres, mas também impedir que desenvolvessem autonomia intelectual e questionassem a estrutura de poder daqueles que a detinham

Segundo Souza “essas mulheres carregavam consigo o estigma da fragilidade, da pouca inteligência, entre outros aspectos que fundamentava a lógica patriarcal de mantê-las afastadas dos espaços públicos” (Souza, 2016, p.416). Ou seja, usavam a justificativa de que a mulher era um ser frágil e sensível para limitar a sua presença em espaços de poder, reforçando a ideia de que o lugar que ela poderia ocupar era unicamente doméstico.

No entanto, mesmo diante de tantas exclusões sociais, as mulheres encontraram brechas para serem inseridas no universo da escrita. Muitas dessas mulheres começaram, ainda que de forma clandestina, a escrever seus relatos em cartas, diários ou poemas. Com o tempo, essas pequenas práticas foram se fortalecendo e ganhando visibilidades, impulsionando cada vez mais mulheres a ocuparem esses espaços e a reivindicarem o direito de também poder contribuir no campo da literatura através das suas próprias vivências.

Foi por meio desses movimentos de resistência silenciosa que nasceu a literatura feminina, marcada pelo desejo de romper com o patriarcalismo vigente e de assumir poderes intelectuais e discursivos que sempre lhes foram negados. No que diz respeito às mulheres negras, esse processo foi mais lento pois além das barreiras impostas pelo patriarcado, elas enfrentaram e continuam enfrentando o peso do racismo, que nega a sua legitimidade na literatura e as excluem dos espaços de representação.

Dessa forma, a literatura afrofeminina surge como um ato ainda mais profundo de resistência diante das tentativas de silenciamento e exclusão das mulheres negras. Como afirma Conceição Evaristo (2005), essa escrita nasce da necessidade de registrar o cotidiano, as dores e as resistências de um povo historicamente silenciado. Dessa forma, torna-se um de denúncia e se constitui como instrumento de reconstrução da memória coletiva, reafirmando identidades e valorizando experiências historicamente marginalizadas.

Conforme afirma Ana Rita Santiago da Silva (2010, p. 92), a literatura negra busca abrir espaços que reafirmam as identidades afrodescendentes, evidenciando “a voz autoral da mulher e do homem negros em suas experiências históricas e simbólicas”. Dentro desse contexto, a literatura afrofeminina se apresenta como um desdobramento dessa tradição, direcionando-se

especificamente à representação da mulher negra e às relações entre gênero, raça e classe social, oportunizando a essas mulheres a possibilidade de narrar suas próprias histórias e de se reconhecerem como protagonistas de suas trajetórias individuais e coletivas.

As produções literárias dessas mulheres desempenham um papel fundamental na reconfiguração do panorama literário brasileiro, ao colocar em evidência suas perspectivas e afirmar seu lugar de fala, buscando serem reconhecidas como parte legítima dessa literatura. Para Gomes (2017, p. 42), “a produção literária das mulheres negras traz uma voz diferenciada, que tensiona o cânone e afirma o lugar de fala dessas autoras”. Desse modo, a literatura afrofeminina não somente contribui para mostrar a diversidade de vozes na literatura, mas também funciona como instrumento de resistência cultural e política.

As escritoras, portanto, rompem com estruturas tradicionais de poder do campo literário mostrando que também podem e conseguem ocupar de espaços de produções simbólicas. Kilomba (2019, p. 28) defende que: “Escrever é um ato político. Ao escrevermos, resgatamos narrativas silenciadas e reinscrevemos nossa história em lugares dos quais fomos excluídas”, isso revela o quanto a escrita se torna uma forma de poder, permitindo que essas mulheres ocupem um espaço que lhes foi negado uma vida inteira.

Assim como as tranças entrelaçam fios, carregando beleza e significado, a literatura afrofeminina entrelaça memórias e identidades. Cada história escrita funciona como um fio que conecta experiências individuais a trajetórias coletivas, Evaristo (2007) evidencia isso ao dizer que:

A palavra, para nós, não é apenas instrumento de comunicação, mas um gesto de memória. Escrevemos para resgatar o vivido, o sofrido, o sonhado. E ao narrarmos as nossas histórias, falamos de todas as mulheres que, como nós, foram silenciadas e agora podem ser ouvidas (Evaristo, 2007, p.18).

Ou seja, para a autora, a escrita carrega uma representação que vai além da palavra. Ela se torna um meio de dar voz às vivências e às memórias de muitas mulheres, permitindo que outras pessoas se reconheçam nessas histórias por terem vivido experiências semelhantes.

Para Kilomba (2019, p. 12) “os relatos das mulheres negras revelam feridas históricas e, ao mesmo tempo, constroem formas de resistência e cura coletiva”. Nessa perspectiva, além da escrita feminina trazer experiências, oportuniza que mulheres negras criem vínculos passado e presente, entre dor e resistência, tornando-se um espaço de afirmação cultural. Além disso, mostrar que, diante da opressão, a literatura feminina pode assumir grande relevância no campo literário é um de seus principais objetivos. Cada narrativa traz consigo experiências singulares, muitas vezes atravessadas por dor e sofrimento. Desde o passado, as mulheres foram

sistematicamente excluídas do espaço social e cultural, e é justamente nesse contexto de marginalização que a escrita se apresenta como instrumento de resistência, afirmação de identidade e preservação da memória.

Nessa perspectiva, a literatura afrofeminina não se resume apenas ao ato de narrar, mas também questiona e reinscreve a mulher negra como figura central das discussões sociais. A escrita, nesse contexto, constitui-se como um campo de denúncia e rompe com os modelos tradicionais impostos pela sociedade. Ao abrir espaços para que pessoas marginalizadas sejam ouvidas, essa literatura lhes concede o direito à palavra e à recuperação do domínio sobre o próprio corpo, valorizando suas identidades e ancestralidades, e tornando a literatura um lugar de cura, reconstrução e denúncia

Outro fator importante é que a literatura afrofeminina também desconstrói esse espaço estabelecido de que a escrita masculina é mais valorizada do que a escrita produzida por mulheres, isso porque durante muito tempo, raramente era observado protagonistas femininas nas obras literárias, o que reforçava a ideia de que apenas a visão masculina era digna de prestígio e admiração.

Através das suas vivências e memórias, essas autoras conseguem materializar toda a sua trajetória e ampliar o repertório estético e político da literatura brasileira, reafirmando suas identidades e servindo de inspiração para tantas outras mulheres que também foram silenciadas nesse campo e negadas o direito de expressar suas próprias percepções sobre o mundo. Escritoras como Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo abriram portas para que novas vozes pudessem fazer parte desse ciclo e fortalecer a circulação de narrativas que antes eram invisibilizadas.

Os relatos dessas mulheres levantam questionamentos e denúncias sobre diversas situações que o povo negro enfrenta na sociedade, em especial, as mulheres negras que são inferiorizadas pelos padrões sociais, como pode ser observado na seguinte passagem de *Diário de Bitita* em que Carolina narra um episódio de violência e vulnerabilidade sofrido por sua mãe:

Um dia a minha mãe estava lavando roupa. Pretendia lavá-la depressa para arranjar dinheiro e comprar comida para nós. Os policiais prenderam-na. Fiquei nervosa. Mas não podia dizer nada. Se reclamasse o soldado me batia com um chicote de borracha. E a notícia circulou. — A Cota foi presa. — Por quê? Quando o meu irmão soube que a mamãe estava presa começou a chorar. Rodávamos ao redor da cadeia chorando. A meia-noite resolveu soltá-la. Ficamos alegres. Ela nos agradeceu depois (Jesus, 2014, p.28).

Como se observa nesse trecho, Bitita expõe sua indignação diante das injustiças sofridas por sua mãe, uma mulher negra, pobre e lavadeira, que mesmo sem ter cometido qualquer crime, podia ser vista pelos policiais como suspeita e acabava sendo presa sem razão alguma.

Esse episódio representa o peso de ser uma figura feminina negra no Brasil, sujeita a passar por diversas descriminalizações diante de uma sociedade que historicamente criminaliza os corpos da população negra.

Dessa forma, a escritora consegue revelar de forma explícita as práticas opressivas do sistema brasileiro que fragiliza, controla e silencia mulheres negras que lutam constantemente para resistir e conseguir um lugar na sociedade, de modo que suas histórias, vozes e identidades sejam respeitadas e reconhecidas.

## **2.1 Breve historiografia da literatura afrofeminina no Brasil**

Embora tenha existido manifestações de escrita feminina desde o século XIX, o reconhecimento dessa escrita foi tardio. O que hoje se pode chamar de literatura afrofeminina, resultou de um longo processo de luta e resistência de mulheres que não desistiram de enfrentar barreiras para ocuparem os seus espaços na literatura. Ao fazerem isso, essas mulheres abriram portas para que novas vozes negras pudessem também ser ouvidas e legitimadas.

Nesse contexto, a literatura afrofeminina torna-se uma maneira de utilizar a escrita e a linguagem para expressar identidades e conquistar um lugar de fala para muitas mulheres na sociedade. Esse campo de produção carrega fortes marcas de resistência, ancestralidade e denúncia social, pois evidencia experiências que durante muito tempo foram silenciadas pela história oficial. Além disso, essa produção literária possibilita um espaço de reconstrução simbólica, no qual mulheres negras podem recontar suas histórias através das suas próprias experiências, mostrando que a sua realidade também pode contribuir para uma literatura engajada que busca romper com as visões hegemônicas. Desse modo, afirma-se:

O ato de falar e escrever para mulheres negras é um ato revolucionário. Cada palavra escrita é um desafio às forças que tentam silenciá-las; cada história contada é uma resistência contra a marginalização, contra a invisibilidade e contra a dominação cultural que sempre as tentou reduzir a papéis secundários (Hooks, 1989, p.12).

Ou seja, é através do que escrevem que essas mulheres reafirmam sua existência, atribuindo novos significados às próprias histórias e rompendo com os estereótipos criados para anular seus conhecimentos, valores e culturas. A literatura torna-se, nesse sentido, um campo de libertação, no qual elas assumem a autoria de si e reivindicam sua voz como parte essencial da memória e da cultura afro-brasileira.

Historicamente, a voz de mulheres, sobretudo mulheres negras, foi sistematicamente invisibilizada, não somente nos espaços sociais, mas também no âmbito literário. Essa exclusão

impossibilitava o reconhecimento de suas vivências, histórias e saberes dentro de uma produção cultural que fosse oficialmente legitimada e valorizada. Por sua vez, segundo Oliveira (2019), essa desvalorização remete ao trágico período da escravidão, em que a comunidade negra vivia em situação de subalternidade e obediência ao homem branco, os negros que resistiam a essa imposição articulavam formas de insurgência, como a fuga e a formação de quilombos. Todo esse histórico-cultural deixou marcas profundas no Brasil. Nisto, Munanga ressalta que:

A escravidão deixou raízes profundas que se expressam não apenas nas desigualdades econômicas, mas também no campo simbólico e cultural. Essas marcas ainda estruturam relações sociais no Brasil, sustentando preconceitos, estigmas e exclusões que dificultam o reconhecimento da população negra como sujeito de direitos e de produção cultural (Munanga, 2004, p. 15).

Esse apontamento reforça a necessidade de compreender a literatura afrofeminina como um lugar de resistência e de reconstrução da memória coletiva. Ao ocuparem esses espaços no campo literário mulheres negras não apenas rompem com o silenciamento que lhes foram impostos, mas também afirmam suas experiências como parte legítima da cultura brasileira.

Nesse sentido, em *Poemas da recordação e outros movimentos*, Conceição Evaristo (2008) expressa que a voz que foi silenciada rasga o tempo e fala. Fala das dores, fala dos sonhos, fala das esperanças. A fala é também um ato de libertação. Dessa forma, a autora compreende que a fala é uma das formas mais poderosas de desconstruir as barreiras impostas à voz feminina. É por meio dela que muitas mulheres constroem e desconstróem suas próprias histórias, rompendo ciclos de opressão e reafirmando suas experiências e esperanças.

No século XIX já havia mulheres negras que escreviam narrativas literárias, como Maria Firmina dos Reis com o seu livro (*Úrsula*, 1859), essa obra rompeu com a visão romantizada da escravidão, mostrando todo o sofrimento e desumanização vividos pelos negros escravizados, o que foi algo extremamente inovador já que poucos escritores ousavam questionar a ordem social da época.

No entanto, na época em que foi publicado não foi tão visibilizado, pois a sociedade vigente era marcada pelo racismo, o que limitava o reconhecimento de vozes negras. Além disso, houve casos em que as mulheres até publicavam seus textos, mas com pseudônimos masculinos para ninguém reconhecer que eram elas e serem aceitas pela sociedade, contudo mesmo quando conseguiam publicar, seus escritos eram frequentemente desvalorizados e rotulados como literatura “menor”, “íntima” ou “doméstica”.

Bem como destaca Woolf (2014):

Qualquer mulher nascida no século XVI, dotada de um grande talento, certamente teria enlouquecido, se matado, ou terminaria seus dias em alguma cabana solitária, fora da sociedade. Pois era impossível para uma mulher ter um quarto próprio, dinheiro, ou a liberdade de pensar e escrever. E se alguma ousasse escrever, teria de fazê-lo sob um nome masculino, para ser levada a sério (Woolf, 2014, p. 56).

Isso demonstra o quanto essas mulheres, durante muito tempo, foram impedidas de se expressar; suas palavras eram consideradas menos importantes do que as dos homens e, por isso, suas vozes eram constantemente apagadas pela submissão cultural que lhes negava a possibilidade de serem plenamente elas mesmas. Somente no século XX, as produções literárias femininas começaram a ganhar reconhecimento, ainda que de maneira lenta e gradual. Nesse processo, destacam-se Carolina Maria de Jesus e Conceição Evaristo, que consolidaram esse espaço no campo literário ao tornarem públicas experiências antes silenciadas, atribuindo à escrita o valor de símbolo de resistência e de afirmação identitária. Bem como diz Evaristo (2019), “escrever é dar continuidade à fala das nossas ancestrais, é reafirmar nossa presença e nossa humanidade” mostrando que sua literatura ultrapassa questões estéticas, buscando trazer visibilidades para essas pessoas.

Essa atitude impulsionou muitas outras escritoras a lutarem por seus ideais e a ocuparem um lugar de fala na literatura. A partir desse período, observa-se uma ampliação significativa das produções literárias, marcando o fortalecimento de uma literatura negra comprometida com a valorização da identidade e com a denúncia das desigualdades sociais. No caso, escrever para muitas mulheres negras tornou-se um ato político em que elas poderiam compartilhar as suas próprias histórias e realidades, motivando outras mulheres também a reafirmar sua existência. Assim, a literatura se converte em espaço de resistência e de reconstrução identitária, rompendo com silenciamentos históricos e projetando novas possibilidades de futuro.

Com esse crescimento, a literatura afrofeminina começou a ganhar mais reconhecimento e a consolidar-se como um campo legítimo de produções que buscam ampliar o conhecimento valorizando diversos povos e culturas que historicamente foram excluídos desse espaço literário.

Dessa forma, ao longo das últimas décadas, essa produção tem adquirido cada vez mais visibilidade nas escolas, universidades e espaços de pesquisa, resultando em um movimento de reparação histórica. Isso permite que as obras dessas autoras não sejam lidas apenas como testemunhos sociais, mas como manifestações literárias complexas, capazes de dialogar com questões estéticas, culturais e políticas da sociedade contemporânea.

Ao reconhecer a importância desses escritos, evidencia-se que a literatura afrofeminina se expande para além do campo artístico, pois também se articula como uma prática social e

política, que busca reivindicar os direitos de fazer parte e de poder contribuir com o mundo literário, em um universo marcado por desigualdades sociais. As histórias narradas por mulheres negras que rompem com o olhar hegemônico e propõem uma nova maneira de interpretar o mundo, resgatando suas memórias e desconstruindo discursos que antes tentaram silenciá-las.

Portanto, a historiografia da literatura afrofeminina, evidencia que a sua consolidação foi o resultado da persistência de mulheres negras que, ao longo de muitos anos, resistiram às tentativas de silenciamento e não aceitaram serem excluídas da literatura, ou apenas ocuparem papéis de empregadas, cuidadoras ou figuras secundárias. As narrativas dessas mulheres são carregadas de memórias e ancestralidade, denunciam as injustiças que a população negra enfrenta e anunciam novas possibilidades de existência.

Ao fazerem da sua escrita um espaço político, essas mulheres reconstróem a história literária brasileira e afirmam um futuro no qual suas vozes não apenas são ouvidas, mas também reconhecidas como falas essenciais para a construção da cultura nacional. Dessa forma, continuam buscando mais lugares na literatura e impulsionando cada vez mais outras mulheres negras a estarem no que lugar que quiserem e principalmente de romperem com o silenciamento histórico.

Nesta historiografia de retomada de voz, o corpo da mulher negra deixa de ser apenas um objeto de trabalho forçado para tornar-se um território de significação, onde o cabelo e as tranças surgem como as primeiras marcas visíveis dessa história reescrita.

## **2.2 O entrelaçamento dos fios e a força ancestral: breve história do cabelo afro**

Ao analisar as obras *Becos da Memória* e *Diário de Bitita*, é possível perceber como o cabelo é carregado de significados para as personagens protagonistas da obra, não somente revendo vivências pessoais, mas também valores coletivos que atravessam suas comunidades e reafirmam a força da ancestralidade do povo negro.

Portanto, antes de compreender de que forma ele aparece nas narrativas, é necessário revisitar o percurso histórico e simbólico que envolve o cabelo crespo revelando que o corpo negro é marcado de cicatrizes que continuam a emergir na sociedade, mas que também se afirma como um espaço de memória coletiva e resistência.

O cabelo afro carrega muito mais do que uma simples característica física: é símbolo de uma ancestralidade e de uma história, além de carregar valores políticos e culturais. Nas décadas

de 60 e 70, o Movimento *Black* nos Estados Unidos e os movimentos de valorização da população negra no Brasil contribuiu para o cabelo crespo ganhar novos significados.

Em 1858, em Boston, começou a ser cultivada expressão “*Black is beautiful*” (preto é lindo) pelos movimentos que propagava a necessidade de valorizar a identidade e os traços físicos de pessoas negras. O abolicionista americano *John Swett Rock*, realizou um dos primeiros discursos que buscava exaltar a beleza negra, afirmando:

Quando eu comparo o sistema muscular mais forte, a bela, rica cor, os traços largos e o cabelo graciosamente frisado do negro com a frágil organização física, a cor pálida, as feições finas e os cabelos lisos do branco, estou inclinado acreditar que, quando o homem branco foi criado, a natureza estava exausta (Rock, 1858, *apud* BBC News Brasil, 2021).

Ao proferir essas palavras, *John Swett Rock* buscava desconstruir a ideia de inferioridade estética do povo negro, crença perpetuada durante séculos por uma sociedade eurocêntrica que ridicularizava os traços e características negras. O abolicionista procurava, assim, reivindicar a beleza e a dignidade do corpo negro, demonstrando que ela é tão legítima e admirável quanto qualquer outra.

Cabe ressaltar também, sobre a textura dos cabelos crespos que resultam de uma adaptação às condições climáticas severas do continente africano. Funciona como uma forma de “proteção térmica natural”, já que os fios crespos criam uma barreira entre o couro cabeludo e a radiação solar. Por isso, o crescimento se dá para cima, favorecendo maior ventilação.

Essa adaptação biológica foi fundamental para os povos africanos que viviam em áreas áridas e tropicais. Além de sua função biológica, o cabelo crespo assumia também significados culturais e sociais, em diversas nações africanas, os penteados funcionavam como códigos de identificação, podendo indicar origem, classe social, estado civil, idade, posição política ou mesmo religião.

Segundo Nilma Lino Gomes:

O cabelo crespo não está associado somente à ideia de estética, de beleza, mas traz em seu bojo valores simbólicos, os quais propiciam a reflexão do que é ser negro, tanto no campo da subjetividade quanto no campo da materialidade. O cabelo crespo é uma linguagem e, como tal, dialoga em um contexto social, cultural, político, ideológico, até mesmo econômico. O cabelo crespo sozinho, porém, não diz tudo. A sua representação se constrói no âmago das relações sociais e raciais; não podem ser pensados separadamente (Gomes, 2008, p. 39).

Partindo dessa lógica, o cabelo afro torna-se um elemento cultural na construção da identidade negra, funcionando como uma linguagem simbólica capaz de comunicar pertencimento étnico, posição social, gênero e até mesmo resistências políticas. Ele não pode

ser visto de forma isolada, por estar intimamente ligado às relações sociais e raciais ao qual o indivíduo está inserido.

Diante de tanta repressão e racismo social, por muito tempo a mídia e a indústria da beleza propagaram a técnica de alisamento dos cabelos crespos, apresentando-a como requisito para que homens e mulheres negras se adequassem aos padrões eurocêntricos. Dessa forma, muitas mulheres negras se viram na obrigação de alisarem seus cabelos para se sentirem mais bonitas e conseqüentemente agradar os olhares da sociedade.

Essas situações revelam, sobretudo, a pressão histórica exercida pelo padrão eurocêntrico de beleza, que por muito tempo impôs ao negro a negação de suas características físicas em nome de uma suposta aceitação social. Por sua vez, no período escravocrata, muitos africanos também foram obrigados a raspar a cabeça, em uma tentativa violenta de apagar identidades e enfraquecer o poder simbólico que o cabelo carregava. Desde então, os fios crespos passaram a ser alvo de estigmas negativos, sendo rotulados como “cabelo ruim” e associados a ideias de sujeira e inferioridade, devido colonizadores brancos ditarem que o único cabelo “bom” era o cabelo liso.

Foi apenas nas décadas de 1960 e 1970 que surgiram movimentos negros que encorajaram a aceitação e a valorização do cabelo crespo, impulsionando muitas pessoas a assumirem sua estética natural como um ato de resistência política, por exemplo, o movimento das panteras negras, que transformou aquilo que fora historicamente estigmatizado em um símbolo de orgulho, resistência política e afirmação identitária.

Mesmo após a abolição o racismo estético permaneceu na sociedade e até hoje atua tentando diminuir a imagem das pessoas negras que assumem seu cabelo natural, essa rejeição não se limita ao campo estético. Mas revela um mecanismo de exclusão que atravessa espaços sociais, educacionais e profissionais, reforçando a ideia de que corpos negros precisam se adequar a modelos brancos para serem aceitos.

Na contemporaneidade, apesar de avanços conquistados pelos movimentos negros, o racismo estético ainda persiste. Isso é notável pelos inúmeros relatos de pessoas negras que vivem em ambientes escolares ou profissionais e passam por preconceito todos os dias. Um exemplo disso aparece em uma pesquisa publicada na revista *Novos Debates*, em um artigo intitulado como: “*Não é só pelo cabelo: Cabelo crespo e mulheres negras em busca do amor interior*”, as autoras mostram os relatos de uma entrevista com mulheres negras nos quais elas demonstram agressões simbólicas e tentativas de adequação do cabelo ao padrão eurocêntrico recordando ofensas sofridas na infância:

Na minha infância a imagem do meu cabelo sempre foi negativa porque nem todo mundo aceita a gente como a gente é, né? E amigos sempre falavam que meu cabelo era duro, tonhoso<sup>1</sup>. [...] Essas brincadeiras assim fazem com que a gente não goste do nosso cabelo (Sele<sup>2</sup>, 2010, *apud Novos Debates*, v. 7, n. 2, 2021, p. 13).

Esse depoimento revela o quanto a reprodução de discursos preconceituosos afeta negativamente a autoimagem da pessoa negra. A violência simbólica associada ao cabelo crespo continua presente na sociedade contemporânea, manifestando-se desde a infância de milhares de crianças negras, que crescem aprendendo a rejeitar seus traços e tentando adequar-se a padrões de beleza eurocêntricos.

Parte dessa reprodução encontra-se no papel que a mídia e a indústria da beleza exercem sobre as pessoas, ao propagarem estereótipos que reforçam a ideia de que, para ser considerado bonito, o cabelo precisa ser liso ou ondulado. Esses tipos de cabelo são vistos como mais “apresentáveis” e discretos, o que contribui para a falsa noção de que apenas assim as pessoas serão socialmente aceitas.

Mesmo diante dos avanços promovidos pelos movimentos negros e pela crescente valorização das identidades afrodescendentes pode-se perceber que apesar dos avanços conquistados pelos movimentos negros e pela valorização das identidades afrodescendentes, ainda persiste um imaginário racista que marginaliza o cabelo crespo, exigindo resistência e afirmação para que ele seja reconhecido como símbolo de beleza, ancestralidade e identidade.

A respeito disso, Grada Kilomba (2019) relata que o corpo negro, em especial o cabelo crespo, continua sendo alvo de violências simbólicas que muitas vezes são disfarçadas por meio de perguntas “inocentes” ou curiosidades. Ela mostra, em seu livro *Memórias da Plantação*, o relato de uma das mulheres entrevistadas que auxilia no aprofundamento deste debate. Nesses discursos, percebe-se de que forma acontecem essas abordagens:

Às vezes, as pessoas vêm e fazem perguntas do tipo: Como você lava seu cabelo? Ou querem saber: Você penteia seu cabelo? Como você penteia seu cabelo? Eu acho isso tão doentio, tão triste, sabe? Nosso cabelo parece diferente, mas não passa pela minha cabeça ver uma mulher branca adulta jogando a indelicadeza de fazer tais perguntas. [...] Às vezes me pergunto o que será que eles realmente querem dizer ao fazer essas perguntas (Kilomba, 2019, p. 123).

---

<sup>1</sup> O termo "tonhoso" é um regionalismo frequentemente utilizado de forma pejorativa para descrever cabelos crespos ou cacheados, associando-os a uma textura "áspera" ou "desgrenhada". Etimologicamente, a palavra deriva de tinha (do latim *tinea*), uma infecção fúngica no couro cabeludo que causa feridas e queda de cabelo. Ao utilizar esse termo para descrever o cabelo negro, opera-se um processo de patologização da estética negra, reduzindo a característica natural do fio a uma condição de doença ou sujeira, o que reforça o estigma e o racismo linguístico.

<sup>2</sup> Nome Fictício

Na fala da entrevistada, pode-se notar como as pessoas brancas costumam fazer questionamentos racistas, que soam até como uma forma invasiva de falar sobre as práticas de cuidado do cabelo crespo para com as pessoas negras. Como se esse tipo de cabelo fosse algo totalmente fora do considerado “normal” diante dos olhos da sociedade, o que reforça a ideia de que os corpos negros a todo tempo pertencem a um lugar de constante explicação e vigilância.

Essas abordagens também mostram uma postura colonial que persiste em associar o cabelo crespo em algo exótico, estranho ou inadequado, reafirmando hierarquias raciais através da linguagem. Ao fazer esse tipo de comentário, além de inferiorizar a estética negra, também reproduzem um controle simbólico sobre os corpos, impondo às pessoas negras a necessidade constante de justificar suas aparências para serem validadas.

No livro de Djamila Ribeiro, *Manual Antirracista*, a autora também pontua situações de racismo que passou por ser negra e ter o cabelo crespo e em como essas experiências negativas impactaram sua vida:

“Neguinha do cabelo duro”, “neguinha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente—o que quer dizer não branca—passou a ser apontado como um defeito. Comecei a ter questões de autoestima, fiquei mais introspectiva e cabisbaixa. Fui forçada a entender o que era racismo e a querer me adaptar para passar despercebida (Ribeiro, 2019, p. 16).

A fala de Ribeiro mostra como o racismo pode afetar a autoestima de pessoas negras logo no período da infância e em como ele aparece de forma sutil, por meio de comentários pejorativos ou comparações que tentam inferiorizar essas pessoas. Dessa forma, essa violência simbólica ensina desde cedo, que o corpo negro é constantemente desvalorizado pela sociedade, fazendo com os sujeitos internalizem padrões eurocêntricos de beleza e sintam a necessidade de se esforçar para serem aceitos nesse sistema.

Assim, o cabelo crespo torna-se alvo de olhares que carregam séculos de dominação, ecoando práticas coloniais que continuam enraizadas nas pessoas que buscam definir o que é mais aceitável ou civilizado. Mesmo com os avanços conquistados na pós-colonização, as pessoas negras continuam a enfrentar atitudes racistas e discriminações sutis, presentes em comentários, olhares e padrões sociais de beleza.

Nesse contexto, ao assumir o cabelo crespo, as pessoas negras realizam um ato de resistência cultural e uma afirmação identitária, mesmo diante de uma sociedade racista. Com isso reafirmam sua ancestralidade, sua história e a própria autoestima enfrentando grupos sociais que tentam invisibilizá-los e contribuindo para mudar esse cenário.

Essa trajetória histórica de dor e retomada da dignidade capilar encontra eco nas narrativas de Conceição Evaristo e Carolina Maria de Jesus, onde o ato de trançar ou o modo de portar o cabelo deixam de ser meros detalhes cotidianos para se tornarem táticos de sobrevivência e preservação da memória, como veremos a seguir.

### 3 A ESCRIVIVÊNCIA E O CABELO EM BECOS DA MEMÓRIA

O conceito de *escrevivência*, cunhado por Conceição Evaristo, surge da aglutinação do verbo “escrever” com o substantivo “vivência”. Tal neologismo, de acordo com Silva (2017, p. 20), significa muito mais do que uma nova palavra na língua portuguesa; representa uma forma de dar voz às experiências silenciadas das mulheres negras. Evaristo se destaca no campo literário por ser uma mulher que busca dá voz às mulheres negras que vivem constantemente sendo estereotipadas e vítimas da exclusão social.

Segundo ela: “A nossa escrevivência não pode ser lida como canção de ninar para a casa grande, e sim, para incomodá-los nos seus sonos injustos” (Evaristo, 2017, p. 6). Nessa frase, Conceição Evaristo traz um conceito que remete ao período da colonização, em que um dos papéis das mulheres negras escravizadas era contar histórias para fazer as crianças brancas da casa grande adormecerem. Ao afirmar que sua escrevivência existe para “incomodar os sonos injustos”, a autora propõe uma ruptura simbólica: agora, o papel dessas mulheres não é mais o de fazer os brancos dormirem, mas sim o de despertá-los por meio de uma escrita que denuncia e desestabiliza os alicerces de um sistema racista e patriarcal que, historicamente, silenciou as vozes negras.

A partir disso, percebe-se que a “escrevivência” da autora na literatura vai além de palavras escritas em papel: é uma escrita que entrelaça o corpo, pois relata experiências vividas e as transforma em resistência literária e cultural. Ainda assim, mantém-se profundamente ligada à linguagem cotidiana e à oralidade transmitida de geração em geração, já que as mulheres negras escrevem a partir do que vivem, do que veem e do que sentem, transformando suas vivências em narrativa e memória coletiva.

Essas histórias, portanto, não servem apenas para divertir, mas principalmente para denunciar as marcas do racismo e do sexismo que muitas mulheres negras enfrentam durante sua vida. São marcadas também por carregar memórias, força e ancestralidade da população negra.

Conceição Evaristo conta que:

Quando mulheres do povo como Carolina, como minha mãe, como eu também, nos dispomos a escrever, eu acho que a gente está rompendo com o lugar que normalmente nos é reservado. A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é alguma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito. Escrever e ser reconhecido como um escritor ou como escritora, aí é um privilégio da elite (Evaristo, 2010, s.p.).

A fala de Evaristo mostra como a sociedade historicamente limitou o papel da mulher negra, reservando-lhe apenas tarefas domésticas ou serviços de cuidado, enquanto a escrita e o reconhecimento intelectual eram privilégios da elite. Romper com essa lógica significa afirmar que mulheres negras também têm capacidade de criar, refletir e produzir suas próprias histórias. Para Evaristo, escrever é uma forma de resistência, um ato que confirma a presença e a inteligência dessas mulheres. Por isso, é fundamental que escritoras como ela, sua mãe e Carolina Maria de Jesus ocupem o espaço literário e afirmem suas vozes, garantindo que suas experiências sejam reconhecidas e valorizadas.

É nessa lógica de quebrar padrões estabelecidos na sociedade e de se reconhecer na própria escrita que Conceição Evaristo revela, por meio de suas personagens, muitas das experiências vividas em sua infância. Em *Becos de Memória*, a autora, através da personagem Maria Nova, retrata o peso de ser uma criança negra em um ambiente escolar marcado pela presença de meninas brancas, de cabelos lisos e socialmente consideradas mais bonitas por corresponderem ao padrão de beleza imposto naquele ambiente.

Essa diferença não se limitava somente na aparência física, mas também do sentimento de não pertencimento naquele ambiente escolar. Maria-Nova era filha de Mãe Joana e sobrinha de Maria-Velha, a garota com apenas doze anos ver o reflexo de morar em uma favela e ser negra em um local que exala desigualdade e ela que irá narrar todo o desenrolar da narrativa.

A personagem relembra as inúmeras histórias trágicas dos moradores da favela ao vivenciar situações de péssimas condições de vida, recorda também como se sentia na escola, evidenciando que o tratamento que as crianças brancas recebiam era diferente comparado ao dela e por isso sentia-se totalmente deslocada. Essa distinção apontada pela garota, mostra que, além de afetar as relações sociais, essas situações inferiorizava os corpos negros, a cor da pele e à textura do cabelo, como mostra este fragmento: “na escola, Maria-Nova se sentia pequena. Não sabia se eram as roupas surradas, o cabelo trançado, ou a cor da pele que faziam com que os outros a olhassem de um jeito diferente.” (Evaristo, 2006, p. 58).

Nesse trecho da autora é revelado como os traços da identidade negra são vistos como justificativa para exclusão, causando o desconforto e baixa autoestima em quem sofre e passa por esse preconceito. O olhar das outras pessoas acaba definindo Maria Nova, provocando nela a sensação de estar deslocada e diminuída diante dessas situações na sala de aula. Ela acaba internalizando o que dizem ao seu respeito: “Maria-Nova sentia vergonha de sua pobreza, do seu corpo, da sua pele escura. Sabia que o olhar dos outros a denunciava, que seu corpo revelava o lugar de onde vinha” (Evaristo, 2006, p. 54).

Essas situações faziam com que a garota se sentisse menor e diferente das outras colegas de turma, levando-a rejeitar o seu próprio corpo e sentir vergonha dos seus traços tão marcantes. Entre os aspectos afetados por essa percepção, está também o cabelo, que passa a ser representado como um incômodo para aqueles que olhavam para ela:

O cabelo de Maria-Nova era um tormento. A mãe o penteava com dificuldade, e a menina chorava. As colegas riam de seus cabelos duros e armados, chamavam-na de 'pixaim'. Maria-Nova passou a odiar o próprio cabelo e sonhava tê-lo liso como o das outras meninas (Evaristo, 2006, p.55).

As situações de racismo faziam Maria-Nova odiar cada vez mais a sua identidade, rejeitando seus traços negros internalizando a ideia de que sua aparência não fazia parte do mundo em que ela vivia e muito menos era agradável aos olhos das outras pessoas. Assim como Maria-Nova, outras personagens de Evaristo também passaram por esse processo de não aceitação da sua origem, como é o caso de Ditinha, uma diarista negra que assim como Maria-Nova vivia na favela em condições precárias, mas que não deixava pensar em um futuro melhor.

A personagem observar sua patroa com cabelos lisos, joias e sapatos caros, reflete sobre a sua beleza ao olhar-se no espelho, como revela esta passagem do romance: “Olhou-se no espelho e sentiu-se tão feia, mas feia do que normalmente se sentia. “E se eu tivesse vestidos e sapatos e soubesse arrumar os meus cabelos? (Ditinha detestava os cabelos dela). Mesmo assim eu não assentaria com essas joias” (Evaristo, 2017, p. 100).

A maneira como Ditinha se vê demonstra a influência que os padrões estabelecidos na sociedade interferem na imagem negativa que o sujeito negro vê sobre si mesmo, a valorização somente dos cabelos lisos, roupas caras e joias reforça a ideia de que os traços naturais e a sua simplicidade na aparência fazem com que os indivíduos que se encontram nessa ótica, se sintam inferiorizados e fora desse modelo. Dessa forma, a desigualdade racial e econômica afeta diretamente na autoestima da personagem.

As situações que Evaristo apresenta em seus personagens evocam exatamente o que ela pretende realizar com sua escrevivência: retratar a realidade de forma nua e crua, sobretudo a de mulheres marginalizadas, posicionando-se como porta voz dessas vivências silenciadas. Como ela mesma declara:

O que me interessa é justamente tentar abarcar essas cenas do cotidiano, e eu quero cenas do cotidiano em que eu construa personagens que tem a ver comigo, tem a ver com a minha experiência. Se não uma experiência particular, uma experiência coletiva, e aquele menino negro que está ali vendendo amendoim é um menino que poderia ser meu filho, meu sobrinho, é um menino que eu conheço da favela onde eu dava aula. E aí agora eu me lembrei de interpretação de Elza Soares, do Guri, e, uma

das interpretações a Elza vai dizer ‘o guri sou eu’, mais ou menos isso. Então esse é um processo criativo que nasce de dentro (Evaristo, 2020, entrevista).

Portanto, o depoimento de Evaristo esclarece que ela procura humanizar os seus personagens e afirmar que a sua escrita parte de experiências vividas e da sua percepção sobre a realidade social de muitas pessoas negras, permitindo que sua narrativa reflita sobre as experiências coletivas de resistência e marginalização.

Dessa forma, a escrevivência de Evaristo desvela como o cabelo, transformando em tormento pelo racismo estrutural, é o território onde se trava a primeira batalha pela subjetividade negra.

### **3.1 Notas sobre o projeto estético de Conceição Evaristo**

Conceição Evaristo constrói o seu projeto estético fundamentado em suas experiências enquanto mulher negra, letrada e engajada no diz respeito à valorização da ancestralidade afrodescendente. O grande foco de sua literatura é oportunizar histórias desvinculadas de uma visão eurocêntrica e patriarcal, recontando narrativas numa percepção sensível e real. Dessa forma, a autora procura trazer realidades vivenciadas por muitas pessoas negras que constantemente são vítimas de exclusão e inferiorização social e que inclusive foram impossibilitadas de ocupar algum prestígio na literatura brasileira.

Desse modo, seus escritos unem estética, questões políticas e identidade em busca de afirmar a valorização do sujeito negro na literatura, reforçando a relevância de usar a literatura para dar voz a essas pessoas e romper com os silenciamento que lhes eram impostos. Para fazer isso, Evaristo usa a sua “escrevivência”, baseada tanto na sua vivência pessoal, quanto na vivência de outras pessoas que nunca tiveram voz para falar da sua própria história e de tudo que enfrentam.

De acordo com ela, “a escrevivência não é ficção. É a vida que se escreve. A vida de muitas mulheres negras” (Evaristo, 2017, p. 48). Sua fala mostra que ela não escreve para criar fantasias na cabeça dos leitores, mas para criar um espaço político, rompendo com o apagamento do negro na história; segundo ela:

Sendo as mulheres negras inviabilizadas, não só pelas páginas da história oficial brasileira, mas também pela literatura, e quando se tornam objetos de segunda, na maioria das vezes, surgem ficcionalizadas a partir de estereótipos vários, para as escritoras negras cabem vários cuidados. Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres

negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra (Evaristo, 2005, p. 205).

Essa passagem de Evaristo mostra que a sua escrivência vai além de relatar vivências individuais, mas de ser também um ato político e de luta em prol da visibilidade de um povo altamente marginalizado. É escrevendo que a autora consegue reivindicar os direitos e oportunizar que essas vozes femininas sejam ouvidas, acolhidas e respeitadas já que sofreram tanto durante séculos. Ao atribuir a “pena” como objeto de poder, ela transforma as situações vividas por essas pessoas, em palavras que vinculam força e memória de um povo.

Ademais, seu projeto estético é marcado por abranger uma linguagem poética e próxima da realidade, considerando elementos da cultura negra como os ditados populares, o ritmo da fala e a memória que carregam. Dessa forma, ela consegue aproximar a literatura no que de fato é vivenciado por esses indivíduos e valorizar a ancestralidade de comunidades negras, para que sejam reconhecidas e celebradas como qualquer outra.

Evaristo mantém como base histórias marcadas por figuras femininas e suas experiências enquanto sujeitos negros que sofrem constantemente o peso de estarem em mundo marcado pelo racismo. No entanto, apesar da escrivência ser o grande foco do projeto estético de Evaristo, ela não se limita somente a esse processo, fugindo às vezes dessa linearidade de produção.

Em *Ponciá Vicêncio*, por exemplo, Evaristo continua a valorizar a ancestralidade, a oralidade e as marcas da opressão histórica, porém não se restringe apenas à experiência feminina. A obra contempla a trajetória de personagens masculinos, como Luandi e o pai de Ponciá, evidenciando que a dor, o silenciamento e a desumanização também atravessam os corpos dos homens negros. Essa preocupação da autora pode ser observada em uma entrevista concedida à revista *Jangada*, quando ela afirma:

Me preocupou muito também porque não dei nome para esses dois, e coincidentemente são personagens masculinos. Não quis dar invisibilidade a eles... E existem no romance os personagens Luandi, Soldado Nestor, Negro Climério... Este último gosto da sonoridade, assim como gosto de Alírio, personagens de *Becos da Memória* (Evaristo, 2019, p. 246).

Essa fala de Evaristo revela a intenção da autora de igualmente oportunizar espaços de representação para personagens masculinos negros, reconhecendo que eles, assim como as personagens femininas, merecem ser valorizados e compreendidos em sua complexidade, haja vista que também foram historicamente silenciados no campo literário. Ao expor a trajetória dos personagens, dá nome a eles e explorar as suas sensibilidades, ela rompe com os

estereótipos que frequentemente atribuem aos homens negros, como marginais, violentos ou destituídos de sensibilidade.

Desse modo, Evaristo apresenta homens que também carregam suas dores e lutam por dignidade. São personagens que não se limitam os papéis que geralmente a sociedade lhes atribui, fogem desse ciclo e criam as suas próprias histórias que são marcadas por sonhos, afetos, mas também sofrimento pois são reféns das violências estruturais do racismo. A dimensão da dor e resistência é evidenciada em *Ponciá Vivência*, quando a autora afirma:

Quando o legado do avô se realiza, por fim, no irmão, Luandi. Compreendera que sua vida, um grão de areia lá no fundo do rio, só tomara corpo, só engrandeceria, se se tornasse matéria argamassa de outras vidas. Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que por baixo da assinatura do próprio punho, outras letras e marcas havia. A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser (Evaristo, *Ponciá Vivência*, p. 109–110).

Esse trecho da narrativa revela que os personagens masculinos, assim como as mulheres carregam em si um legado ancestral e que é justamente isso que faz com eles sejam impulsionados a resistir. Ao tomar consciência sobre seu papel na continuidade da história do seu povo, Luandi entende que a sua existência atravessa gerações. Essa percepção alinha-se ao conceito de tempo espiralar, de Leda Maria Martins (2003), pois o personagem percebe que escrever a sua história implica revisitar a experiência dos antepassados e assumir, simultaneamente, um compromisso com aqueles que estão por vir, em um movimento onde passado e futuro se coabitam no presente

Com isso, Evaristo mostra que esse personagem não é apenas vítima de um sistema opressor, mas também um sujeito ativo que busca reconstruir suas identidades e proteger a memória coletiva de seus ancestrais.

Evaristo, portanto, consegue ampliar a sua escrita ao manifestar homens em lugares de humanidade, demonstrando que suas trajetórias também são relevantes e fazem parte essencial da história e da ancestralidade negra. Nesse sentido, a escrevivência se amplia e passa a representar uma memória coletiva, em que o sofrimento e a resistência são compartilhados entre mulheres, homens, crianças e idosos.

Do mesmo modo, em *Canção para ninar menino grande*, Evaristo coloca em pauta uma narrativa em que a voz feminina se dirige a um personagem masculino, mostrando suas fragilidades e afetos que um esse sujeito pode ter devido os traumas sociais e as ausências que

ele vivenciou. Mesmo que haja uma perspectiva feminina, o foco da narrativa é evidenciar essa subjetividade masculina, o que indica que a autora não se resume em apenas apontar mulheres fortes e resistentes, mas também corpos masculinos sensíveis, vulneráveis e humanizados, que igualmente carregam as marcas do racismo e da exclusão.

Nessa perspectiva, a autora afirma:

Não quero colocar os homens só na situação de derrota ou na posição de sujeitos cruéis, em textos de minha autoria. Eles têm também histórias de dor e de suplantação dos sofrimentos. Também me incomoda a ausência de heróis negros na literatura; tenho de encontrar uma maneira de dar um protagonismo aos homens negros (Evaristo, 2020, p. 43-44).

Dessa forma, a escritora busca destacar esse cuidado em retratar o homem negro fugindo de papéis que geralmente são colocados, como marginais, agressores ou marcados pela violência, rompendo com estereótipos que foram dados à figura do negro nas histórias e os colocando em uma posição de destaque dentro dessas narrativas, mostrando que esses sujeitos também são capazes de resistir, sonhar e amar.

### **3.2 Fios que conectam vozes ancestrais:** notas sobre o cabelo/trança

O cabelo ocupa um lugar de destaque em vários aspectos sociais e períodos históricos, principalmente no que diz respeito a construção identitária dos sujeitos. Esse elemento tão importante como parte do corpo humano e o tratamento que recebe, indica informações relevantes para se pensar em como são construídas as relações das pessoas no contexto em que vivem. Nilma Lino Gomes, pesquisadora que estuda temas relacionadas ao cabelo afirma que:

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (Gomes, 2003, p. 174).

O pensamento de Nilma reforça o carácter simbólico que o cabelo ocupa para os grupos sociais como um atributo estético que vai além do estético e manifesta marcas da história de um povo, sobretudo da população negra, à qual foi negado, durante muitos anos o direito de expressar seus traços naturais. O cabelo crespo, sempre foi alvo de discursos negativos, essa discriminação levou muitas pessoas negras desenvolverem sentimento de rejeição com o seu próprio cabelo e buscarem se encaixar o padrão mais aceito que era ter cabelos lisos e alisados.

Segundo Raul Lody (2004, p.56), “tocar a cabeça, pentear os cabelos, organizar esteticamente penteados são atividades tão antigas e tão importantes como as mais notáveis descobertas do homem”, ou seja, não é de agora que os fios representam uma simbologia de poder para as comunidades afrodescendentes. Nos períodos históricos, os indivíduos já pintavam figuras humanas com cabelos exuberantes e imponentes, expressando orgulho e poder

Pode-se perceber que o cabelo não se restringe somente às culturas africanas. Na história bíblica de Sansão, também há uma alegoria do cabelo como atributo que carrega uma força extraordinária e a virilidade do personagem, é por meio do seu cabelo, ligado a uma conexão com Deus, que ele consegue adquirir o dom da força. Tal condição o destaca naquele contexto como um homem escolhido para representar a força divina.

No entanto, Sansão acaba perdendo todo o seu vigor e o vínculo que ele tinha com Deus quando Dalila acaba cortando o seu cabelo:

Descobriu-lhe, pois, todo o seu coração, e disse-lhe: Nunca passou navalha pela minha cabeça, porque sou nazireu de Deus desde o ventre de minha mãe; se for rapado, ir-se-á de mim a minha força, e enfraquecerei, e serei como qualquer outro homem. Vendo Dalila que lhe tinha descoberto todo o seu coração, mandou chamar os príncipes dos filisteus, dizendo: Subi esta vez, porque agora me descobriu todo o seu coração. E subiram a ela os príncipes dos filisteus, e trouxeram com eles o dinheiro. Então Dalila o fez dormir sobre os seus joelhos, e chamou a um homem, e rapou-lhe as sete tranças da cabeça; e começou a afligi-lo, e retirou-se dele a sua força (Juízes, 16:17-19 Bíblia Sagrada).

Dessa forma, o personagem acaba perdendo a sua identidade e se sentindo impotente ao ser dominado por Dalila. Perder seu cabelo representava bem mais do que perder os fios; significava, sobretudo, romper o elo criado com Deus e com a parte de si com a qual mais se identificava. Esse episódio revela como o cabelo carrega sentidos profundos de ligação entre fé, poder e pertencimento e, quando cortado, revela uma quebra na própria identidade.

Assim como na história, não é diferente com as demais culturas, em especial à cultura negra que foi vítima de várias tentativas de apagamento. No período da colonização, os europeus estigmatizaram o cabelo crespo como “selvagem, sem alinhamento e feio”. Por ser o único fenótipo que divergia da classe dominadora, os fios eram frequentemente eliminados, sendo o corte imposto como uma estratégia de controle e submissão. Nesse sentido, como aponta Nilma Lino Gomes (2006, p. 157): “o cabelo crespo foi socialmente transformado em símbolo de negação, tornando-se um espaço de conflito entre a aceitação e a rejeição de si mesmo.”

Paralelo a isso, a discussão apresentada por Evaristo, em *Becos da Memória*, fortalece a simbologia do cabelo muito ligado à identidade do negro e as suas vivências coletivas. Apesar

do cabelo não ser o grande foco da autora na obra, ele aparece como um traço negro que é carregado de dor, resistência e memórias.

Em uma das passagens da narrativa a personagem Maria Nova relembra os velhos momentos em que sua avó fazia tranças em seu cabelo:

Minha avó gostava de fazer tranças em meu cabelo. Trançava com calma, puxava com jeito, e dizia que cada trança era uma história sendo contada. Às vezes, punha fitas nas pontas ou amarrava com linha de costura colorida. Eu ficava horas sentada, ouvindo seus causos e sentindo seus dedos firmes mexendo na minha cabeça. Naquela hora, eu era só dela (Evaristo, 2006, p. 60).

Essa lembrança de Maria Nova possui uma carga simbólica profunda, pois o ato de trançar o cabelo nesse contexto, vai além de um cuidado estético. Trata-se de um ritual comumente praticado por pessoas negras que representa a transmissão de culturas ancestrais e fortalecimento das suas identidades. Ao dizer que “cada trança era uma história sendo contada”, a avó transforma o ato de trançar em um gesto de resistência e preservação da memória ancestral.

Assim, evidencia-se que o cuidado com o cabelo funciona como um espaço simbólico de afeto e aprendizado, onde cada fio trançado representa a força de resistir às tentativas históricas de exclusão e apagamento. Nesse gesto, as tranças deixam de ser apenas um penteado e se torna um símbolo que entrelaça memórias entre passado e presente, carregado de resgate, pertencimento e ancestralidade.

Além dessa relação afetiva, o cabelo em *Becos da Memória* também aparece como um marcador social e racial, revelando que o corpo negro é sempre visto de forma estigmatizada. Maria-Nova agora surge com uma outra visão, e sob o olhar de uma sociedade que a enxerga por meio de estereótipos e associações negativas, transformando seu cabelo em um traço que apresenta diferença e julgamento, como pode-se perceber neste fragmento:

Maria-Nova estava assentada na soleira da porta. Lavara a cabeça, estava com os cabelos soltos ao sol para secar. Seu coração desmanchava em dores. Tinha um compromisso com a vida e não podia recuar. [...] O cabelo solto e eriçado da menina lembrava juba de leão (Evaristo, 2020, p.241).

Ao comparar o cabelo da menina a uma “juba de leão”, evidencia-se como o imaginário social tende a animalizar o corpo negro, transformando beleza natural em selvageria sob o olhar do outro. Todavia, é fundamental pontuar que, embora o narrador utilize esse termo, a narrativa expõe a perspectiva interna da personagem: seu “coração desmanchava em dores” (Evaristo, 2020, p. 241). Essa dor revela que a percepção externa não é inofensiva; ela atinge a

subjetividade de Maria-Nova, sinalizando que o cabelo, antes símbolo de afeto, torna-se um marcador de diferença e violência simbólica que atravessa sua formação identitária.

A imagem do “erichado”, atua como se o cabelo crespo fosse algo indomável ou “assanhado”, esse olhar externo fortalece a construção negativa que foi vivenciado pelos negros no período colonial e que persiste na sociedade, de que o cabelo crespo é associado a uma desordem, desalinhamento e que se distancia dos padrões eurocêntricos de beleza.

Evaristo também apresenta esse estigma quando menciona o estado em que se encontrava Cidinha-Cidoca, cuja aparência é julgada e inferiorizada pela forma como o seu cabelo se apresenta:

Alheia pelos cantos do botequim, nem cachaça exigia mais. Suja, descabelada, olhar parado no vazio. [...] – Bons tempos já houve, hein, Cidoca! Bonita a mulher, mesmo com aqueles olhos parados e com aquela carapinha de doida! Bonita a mulher! Doida mansa, muito mansa. (Evaristo, 2020. pag.35)

Nesse caso, a escolha vocabular para se referir ao cabelo reflete a percepção que as pessoas têm acerca do cabelo crespo, que reforçam estigmas sociais e estéticos. Ao dizer “carapinha de doida” tem-se uma fala pejorativa que tende a desqualificar o cabelo crespo evidenciando um preconceito que persegue a população afrodescendente. Assim, se os cabelos crespos estão soltos eles são ligeiramente interpretados como “assanhados” ou que não recebem um devido cuidado, ou se aparecem dessa maneira em momento de vulnerabilidade das personagens, esse pensamento intensifica a leitura que as pessoas têm sobre esse tipo de cabelo.

Dessa forma, é mostrado na obra, que ora o cabelo aparece como símbolo ancestral marcado por um espaço de afeto, ora como mecanismo de opressão e estigmatização racial. É justamente nessa tensão que Conceição Evaristo apresenta a vivência negra, mostrando que o cabelo, sua textura e as tranças não são elementos apenas físicos, mas também dimensões simbólicas que revelam histórias de resistência e dor.

Se em Evaristo o cabelo transita entre o afeto da trança e o estigma da “carapinha”, na obra de Carolina Maria de Jesus essa tensão ganha contornos de urgência social. Em “*Diário de Bitita*”, o cabelo deixará de ser apenas uma lembrança ancestral para tornar-se um termômetro da fome e da luta por dignidade em meio à miséria extrema, como analisaremos a seguir.

#### 4 A POÉTICA DOS RESÍDUOS E DOS FIOS ANCESTRAIS EM DIÁRIO DE BITITA, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Carolina Maria de Jesus foi uma mulher negra, favelada e semianalfabeta que resistiu às condições precárias que viveu e que marcaram toda a sua vida. Em *Diário de Bitita*, a escritora relembra a rotina dura onde morava e tudo que passava morando em uma favela. Sua escrita nasceu das observações que fazia acerca da sua própria realidade marcada por exclusões, restos e sobras.

É através das suas vivências que ela constrói uma “poética dos resíduos”, uma literatura baseada em tudo aquilo que a sociedade tenta ocultar: a fome, a miséria, o abandono e a falta de apoio para as pessoas negras e pobres. Como ela mesmo afirma, seus escritos surgem a partir: “das observações que eu fazia sobre o que via e sobre o que sentia” (Jesus, 2014, p. 18), revelando um olhar sensível e transformando todo o sofrimento em literatura.

Durante sua vida na favela, Carolina sobrevivia pelos restos que encontrava, resto de comida, de objetos, e até mesmo de dignidade. Essa realidade concreta com os resíduos é transformada em valor símbolo quando ela atravessa sua escrita e se converte em uma poética própria. Como afirma a autora:

O que escrevo vem das observações que faço, das coisas que vejo jogadas nas ruas, das palavras que ninguém quer ouvir. Talvez por isso digam que a minha escrita é estranha. Eu escrevo do que sobra, do que resta, do que ninguém presta atenção. Mas é justamente nessas sobras que encontro a verdade da vida (Jesus, 2014, p. 18).

Nesse trecho, Carolina revela que é por meio do seu olhar sensível e crítico que a sua literatura ganha origem. Ela evidencia os problemas que atravessam a vida na favela e que a sociedade tenta esconder, tudo o que é descartado tanto nas ruas quanto na vida social, passa pelas suas mãos e é transformado em matéria narrativa, denunciando a desigualdade estrutural.

Segundo Regina Dalcastagnè:

A literatura brasileira tem sistematicamente silenciado as vozes daqueles que vivem à margem. Quando esses sujeitos conseguem escrever, suas narrativas revelam um país profundamente desigual, onde a pobreza, o racismo e a exclusão são estruturantes. Esses textos trazem à superfície o que a sociedade não quer ver, aquilo que ela joga para debaixo do tapete: os restos sociais, os corpos abandonados, a vida que se sustenta pelo pouco que sobra (Dalcastagnè, 2012, p. 35–36).

A reflexão de Dalcastagnè dialoga diretamente com propósito de Carolina, de tentar romper com os silêncios impostos às pessoas marginalizadas. Enquanto a literatura tradicionalmente favoreceu e deu espaço para as vozes de pessoas brancas, letradas e distantes

da periferia, Carolina rompe com esse modelo e insere no campo literário narrativas que denunciam e criticam toda a violência e desigualdades que estruturam o país.

O comprometimento de Carolina em fazer denúncias sociais pode ser observado em várias passagens da obra. Em uma delas, a autora revela a rotina cansativa das empregadas domésticas que trabalhavam para os senhores brancos:

Quando as cozinheiras sentiam sono, iam lavar o rosto na água fria para despertá-lo. O único medo era o de salgar a comida e a patroa dar a conta. [...] A patroa era tratada como se fosse uma santa no altar. Se as patroas estivessem nervosas, as empregadas deveriam dizer: — *Sim senhora!* [...] O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as filáucias dos donos do mundo. Porque só os homens ricos é que podiam dizer ‘Sabe com quem você está falando?’ para mostrar a sua superioridade (Jesus, 2014, p. 34).

Nesse trecho pode-se perceber que Carolina não somente expõe a rotina dura das empregadas domésticas, como também denuncia as formas de submissão às quais essas mulheres eram submetidas, especialmente mulheres negras, que eram obrigadas a passar por diversas humilhações em seus trabalhos. Dessa maneira, a autora consegue transformar essas experiências em matéria literária e em um campo político, onde pode revelar as formas de opressão sofridas por essas pessoas, como forma de resistir a tudo isso e demonstrar a perversidade de um sistema que naturaliza a exploração de corpos negros.

Além de expor essas realidades, a escritora também consegue reivindicar um lugar de fala para aqueles que durante muitos anos ficaram esquecidos ou eram rejeitados pelas classes dominantes. Essa denúncia se torna ainda mais significativa, uma vez que a autora vivencia o sofrimento próprio e o dos moradores com os quais convivia na favela. Assim, Carolina fala a partir desse lugar com profunda legitimidade. Dessa forma, seu estilo de escrita se aproxima com a chamada “escrevivência” de Conceição Evaristo, que consiste em uma produção literária que “nasce das experiências de vida, da dor e da luta que atravessam o corpo negro” (Evaristo, 2015, p. 29).

A obra *Diário de Bitita* também se estrutura pelos fios ancestrais que fortalecem e atravessam a trajetória da protagonista. Esses fios manifestam-se por meio das memórias de infância e das narrativas maternas, que funcionam como uma ponte cultural transmitida entre gerações. Sob a ótica de Édouard Glissant (2005), essas lembranças podem ser compreendidas como “rastros” ou “resíduos”, fragmentos de uma história ancestral que, apesar das tentativas de apagamento colonial, persistem e se reconfiguram no presente. Como a própria autora afirma: “Eu lembrava das histórias que minha mãe contava. Era como se nossas avós falassem

através dela” (Jesus, 2014, p. 18). Portanto, o relato de Bitita não apenas preserva o passado, mas reconstrói uma identidade a partir desses vestígios que sobrevivem na oralidade.

Esse fragmento da obra simboliza o poder que as histórias orais podem ocupar em uma tradição cultural, pois a voz materna nesse contexto carrega consigo a presença dos antepassados, construindo uma memória coletiva que possibilita a garota construir sua própria identidade. Dessa forma, os fios ancestrais acabam sendo mais do que uma recordação do passado, mas uma maneira também de resistência diante da vida precária que vivia, do racismo que enfrentava e do apagamento histórico que impactaram a sua trajetória.

É por meio da memória que Bitita reconhece a sua ancestralidade, mas ao mesmo tempo, denúncia as violências sofridas pelo corpo negro, como pode-se observar o pensamento da narradora: "No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falava dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio [...]". Nessa passagem da obra, a memória do passado permanece viva através das histórias orais contadas pelo seu povo e por meio dela que personagem consegue compreender a sua própria história,

Nesse sentido, Stuart Hall em seu livro “A Identidade Cultural na Pós-Modernidade” fortalece a ideia de que a identidade é construída pela relação entre passado e presente:

As identidades não são fixas nem imutáveis. Elas se constroem a partir dos fios da memória, das histórias que contamos sobre nós mesmos e das histórias que herdamos. A memória cultural é, portanto, o terreno onde as comunidades reconstróem suas raízes e reescrevem suas existências, sobretudo quando foram submetidas a processos de apagamento (Hall, 2003, p. 52).

Essa reflexão se conecta diretamente com o que Carolina ressalta em suas narrativas, mostrando que a preservação da memória é um fator preponderante para os sujeitos reconstruírem suas identidades e reafirmarem a sua história diante das violências estruturais. Em *Diário de Bitita* os fios ancestrais narram as recordações do passado que também se reflete no presente, portanto, simbolizam não apenas a memória afetiva, mas um ato político, pois é por meio das lembranças do que vivenciou que Bitita consegue encontrar meios de resistir a ele.

Desse modo, a poética de resíduos da autora se revela no gesto de contar histórias que corriqueiramente eram deixadas às margens pelo governo, reafirmando que mesmo diante desse silenciamento, a memória permanece como instrumento de sobrevivência e reconstrução de um povo. É por meio desses restos, ou seja, dessas marcas que o tempo e a violência tentaram

apagar, que Bitita e as demais pessoas que sofriam com essa situação, passam a encontrar caminhos para existir, resistir e reivindicar seus direitos e a sua história.

A partir dessa reflexão, nota-se que Carolina faz da literatura um espaço de enfrentamento das desigualdades e de reafirmação da história daqueles que são sempre excluídos da literatura e ficam as margens da sociedade. Ao levantar as situações de injustiças que acomete essas pessoas e que marcam suas vidas, a autora deixa claro que essas experiências não são fatos isolados, mas faz parte de um sistema que persiste em manter pessoas negras em posições de vulnerabilidade.

Nesse sentido, sua escrita vai além de registrar situações de injustiças, mas também funciona como um meio de reelaboração dessa realidade e de enfrentamento simbólico das violências que a cercam e que marcaram sua vida. Em seu livro “*Quarto de Despejo*”, Carolina ressalta que a sua imaginação se torna um refúgio para enfrentar a vida difícil na favela: “Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na cor do sol. [...] é preciso criar este ambiente de fantasia, para esquecer que estou na favela” (Jesus, [1960] 2014, p. 58).

Dessa forma, percebe-se que a escrita de Carolina é um gesto político, pois está pautado na construção de possibilidades de existência diante de uma realidade cruel que a própria autora vivenciou e que também reflete a experiência que tantas outras pessoas passaram. O ato de escrever, nesse contexto, atua como uma forma de reivindicar um lugar humanizado que constantemente foi negado aos sujeitos negros e pobres, marcados pela exclusão social e a falta de reconhecimento dos seus devidos direitos.

Como ressalta Flávia Peret: “não apenas resistimos a alguma coisa, mas re-existimos [...] A escrita como resistência é uma forma de fabricar e fabular outros modos de escrever que são também outras existências” (Peret, 2018, p. 36). Ou seja, a escrita abre espaço para as pessoas recriarem suas próprias histórias, possibilitando uma nova forma de ser ou ver o mundo.

Com isso, a narrativa de Carolina não somente denuncia a opressão vivida por pessoas negras e pobres, como também permite a construção de novas histórias para aqueles que viveram às margens do sistema opressor do Brasil e que foram pouco valorizadas. Sua poética dos resíduos, transforma aquilo que foi deixado de lado, em elementos de resistência, transformando o que violência tentou apagar em histórias que mostram força, dignidade e continuidade da memória.

Ao mesmo tempo, a autora faz com que os fios ancestrais que atravessam sua obra consigam recuperar a memória coletiva da população negra, reafirmando que a força dos

antepassados continua viva nas recordações, nas práticas ou na escrita dos seus descendentes. Assim, Carolina Maria de Jesus apresenta uma literatura preocupada em ressignificar todas essas lutas e honrar o que permanece, fazendo desse lugar literário, um território de cura e reexistência, proporcionando os meios necessários para que as vozes silenciadas do seu povo sejam ouvidas e reconhecidas como parte fundamental da construção da história e da identidade brasileira.

Se os fios da memória conectam Bitita aos seus antepassados, os fios de seu próprio cabelo materializam a luta diária pela dignidade. Para Carolina, manter o cabelo limpo ou arrumado em meio à “poética dos resíduos” não é vaidade, mas uma tática de resistência contra a animalização imposta pela miséria.

#### **4.1 O projeto estético-literário de Carolina Maria de Jesus**

Carolina Maria de Jesus constrói, em sua obra, uma literatura engajada em denunciar problemas sociais e as violências sofridas por uma população tradicionalmente marginalizada. Seu projeto estético-literário focaliza trazer a sua experiência de vida enquanto mulher negra, periférica e pobre, transformando essas realidades em narrativas que evidenciam as desigualdades estruturais do Brasil.

Nesse viés, sua literatura vai além de narrar experiências pessoais; ela assume uma função política ao fazer de suas experiências uma expressão coletiva, revelando como a desigualdade social e o racismo moldam e desestruturam a vida de pessoas negras e pobres que vivem no Brasil. Sua escrita emerge como uma forma de resistência, que denuncia as violências históricas sofridas pelos sujeitos que vivem às margens da sociedade.

Segundo Santos (2007):

Carolina escreve a partir da urgência. Sua obra nasce da necessidade de registrar a vida tal como ela se impõe. Não há artifício literário que encubra a realidade brutal que experimentou. O que se encontra em suas páginas é a força de uma voz que sabe que representa milhares de outras vozes silenciadas. Por isso sua escrita é ao mesmo tempo testemunho, denúncia e reivindicação (Santos, 2007, p. 41).

De acordo com o pensamento de Santos, Carolina representa boa parte da população que, durante muito tempo, ocupou um lugar de silenciamento na sociedade. Ela desestabiliza as estruturas que historicamente tentaram apagar o valor social e cultural dessas pessoas, colocando-se em uma posição de mulher negra que também passou por esse processo de

exclusão. Ao transformar suas vivências em escrita, a autora reivindica o direito de existir e de valorização do seu povo.

Em *Diário de Bitita*, Carolina aborda, de forma explícita, situações vividas em seu cotidiano, utilizando esses episódios para criticar o tratamento dado aos negros que se encontravam no Brasil. Um desses momentos é observado quando a autora descreve como acontece a abordagem de um policial nos centros urbanos ao narrar:

Era a lei quem mandava. Um soldado era autoridade. E havia ordem na cidade. Aos domingos, os camaradas eram os donos da cidade. Tinham permissão para cantar, beber e até brigar. Mas, na segunda-feira, se os policiais encontrassem um camarada nas ruas, ele tinha que justificar-se por que é que estava vadiando no dia que era destinado ao trabalho. Ele dizia: 'A minha mulher teve um filho.' Se não havia dito a verdade, ia preso (Jesus, 1986, p. 40).

Nesse fragmento da obra, é revelado como o comportamento das pessoas de pele escura era moldado pelo racismo institucional, o soldado, por ocupar uma posição de maior poder na sociedade, sentia-se no direito de punir e controlar qualquer negro que ousasse a sair durante o dia e não estivesse trabalhando, mostrando que, a todo tempo, estavam sendo vigiados e tratados como suspeitos. Isso reforça a lógica de submissão que cercava as relações sociais da época.

Essa cena representa uma denúncia direta de Carolina ao modo como a polícia abusava do seu poder para exercer controle sobre as pessoas negras, usando a vigilância e o autoritarismo como mecanismos de dominação desses sujeitos. Ou seja, o lugar do negro era sempre associado ao trabalho, mesmo em seus dias de descanso, pois se fossem encontrados pelos soldados eram imediatamente acusados de estarem fazendo algo fora da lei.

Em outra passagem da obra, Carolina denuncia a permanência de práticas à escravidão mesmo após a abolição da escravatura ao lembrar da rotina exaustiva que o seu avô levava. A autora resgata a memória familiar para mostrar como a exploração dos negros continuou sendo considerada uma prática "normal" e naturalizada no meio social da época. Sobre isso, ela relembra:

E nós, os netos, recebíamos as palavras do vovô como se fossem um selo e um carinho. O meu avô era um vulto que saía da senzala alquebrado e desiludido, reconhecendo que havia trabalhado para enriquecer o seu sinhô português. Porque os que haviam nascido aqui no Brasil tinham nojo de viver explorando o negro. O vovô dizia que os brasileiros eram os bons homens, de mentalidades puras, iguais às nuvens no espaço (Jesus, 1986, p. 53-54).

Dessa forma, ao recuperar essas lembranças, Carolina revela que os negros continuaram sendo submetidos a jornadas duras de trabalho, sem receber um salário digno ou os direitos que mereciam. A fala do avô de Bitita mostra a sua desilusão perante a tudo aquilo que já viveu e

que por isso não tinha esperanças de ter uma vida melhor, pois todo o seu esforço e suor era haviam servido para favorecer os brancos europeus. Assim, a memória nesse contexto, ocupa um espaço de denúncias, mostrando que a herança da escravidão se mantinha viva e determinando o futuro daqueles que eram raízes das gerações escravizadas.

É através dessas realidades que Carolina discute o ideal de liberdade concedido aos negros naquele período, como relata:

Quando os pretos falavam: - Nós agora, estamos em liberdade – Eu pensava: Mas que liberdade é esta se eles têm que correr das autoridades como se fossem culpados de crimes? Então o mundo já foi pior para os negros? Então o mundo é negro para o negro e branco para o branco? (Jesus, 1986, p. 56).

O pensamento da escritora expõe as condições das leis pós-abolição, que supostamente previam a liberdade dos negros no papel, mas que na prática não asseguravam de fato essa liberdade, já que as pessoas negras viviam em condições análogas à escravidão e ainda sob o domínio e a perseguição dos senhores brancos, podendo a todo momento tornar-se suspeito de alguma atitude “fora da lei”, o que significava que a escravidão não deixou de existir, mas apenas ganhou novas de controle.

Nessa perspectiva, ao trazer as memórias de infância e expor as duras realidades sofridas pelos negros mesmo após a abolição, Carolina pretende reafirmar o valor político do seu projeto estético-literário. Sua escrita vai além de registrar o que ela viveu nesse lugar de mulher preta e periférica, mas também consegue fazer da literatura um lugar de denúncia e revelação das estruturas sociais que perpetuam as desigualdades e o racismo no Brasil.

Sua obra, assim, carrega valores de uma literatura comprometida com a justiça social e com a visibilidade dessas pessoas negras que tradicionalmente foram prejudicados por essas injustiças históricas, assumindo um papel crítico diante das violências que continuavam e continuam a persistir na sociedade. Essa concepção de usar a literatura como apontamento de injustiças e resistência, é facilmente defendida por Antônio Cândido, ao afirmar que:

A literatura pode ser um instrumento poderoso de denúncia e crítica das injustiças sociais, porque revela as contradições e ilumina zonas obscuras da vida coletiva. Por isso, quando nasce do sofrimento, da marginalização ou da violência, ela deixa de ser mero ornamento para tornar-se necessidade humana, expressão de resistência e de afirmação de dignidade (Candido, 2000, p. 175).

Desse modo, a perspectiva de Candido evidencia que a obra de Carolina cumpre justamente esse papel de denunciar, resistir e afirmar dignidade e os direitos dos sujeitos que a sociedade tentou apagar. Com isso, faz da literatura um gesto político de reivindicação dos

direitos que foram negados a essas pessoas, apresentando todas essas injustiças de forma explícita sem suavizar o tratamento dado ao povo negro.

Segundo o crítico e biógrafo Tom Farias:

Carolina Maria de Jesus representou essa mulher, que transformou uma atitude corriqueira que é o ato de escrever, na bandeira contra a fome e a miséria, bandeira essa que tremula, como um estandarte, protegendo as cabeças dos fracos e oprimidos, dos que, como ela, envergaram a espinha para ganhar a vida, nos lixões de cada esquina, nas obras do metrô, nos garimpos, nas aberturas de estradas que, infelizmente, levaram este país para lugar nenhum (Farias, 2020, p. 190).

A fala de Farias reflete sobre como a escrita de Carolina não nasce de um lugar de privilégio, mas de experiências que carregam dor marcadas por opressão, mas que ao mesmo tempo se transforma em um mecanismo de denúncia e reivindicação de atitudes mais humanizadas para com a população marginalizada.

Sua literatura surge como uma prática urgente, de relatar as dores sofridas pelo seu povo que continuam a sentirem o peso do preconceito estrutural, possibilitando que, por mais que a sociedade insista em deixar esses indivíduos invisíveis, suas histórias e experiências ganham voz e legitimidade. Ao transformar, a dor em história, ela consegue abrir um espaço de resistência e afirmação, onde escrever se torna um ato de romper contra o sistema que tenta diminuir ou excluir o povo negro.

Ademais, o projeto literário de Carolina se fortalece ao converter essas vivências pessoais e coletivas em um material crítico que apresenta o abandono estrutural que as pessoas negras periféricas foram submetidas. Sua escrita oferece um olhar sensível e humanizador, ao relatar as desigualdades sociais que enfrentadas por esse grupo social, como a fome, a miséria e a exploração.

Carolina não tenta suavizar essa realidade, mas sim mostrar todo o sofrimento vivido por essas pessoas foram que ignoradas pela sociedade, mas que mesmo diante da opressão, resistiram e afirmaram a sua existência através da memória e da escrita. Perante isso, o compromisso político-literário de Carolina Maria de Jesus seria em não se calar diante das tentativas de apagamento da população marginalizada e em dar voz às experiências historicamente silenciadas, transformando sua escrita em instrumento de denúncia, resistência e afirmação da dignidade dessas pessoas.

O projeto de Carolina, portanto, não separa o ato de escrever da condição física de quem escreve. Para ela, a dignidade do negro passa pelo reconhecimento de sua história, mas também pelo respeito ao seu corpo. É nesse cenário de vigilância policial e exploração laboral que o

cabelo afro de Bitita emerge como um território de disputa: entre o desejo de se ver humana e apresentável e a violência de um sistema que insiste em animalizar seus traços.

#### **4.2 Fios que narram vivências:** notas sobre o cabelo/ trança

O cabelo e as tranças são fortes marcadores identitários da população negra, carregado de história e ancestralidade, funcionando como verdadeiros arquivos culturais que atravessam gerações. Carolina, em *Diário de Bitita*, além de narrar a situação de um povo esquecido pelo Estado brasileiro, expõe com profundidade o racismo que, até mesmo após a abolição da escravatura permaneceu enraizado na sociedade e que em muitos casos, se agravou ainda mais. A persistência da imagem negativa sobre o corpo negro, sobretudo em seus cabelos crespos, na obra, revela mais do que um incômodo pessoal, evidencia também vivências históricas e sociais que marcam profundamente uma pessoa.

Segundo Nilma Lino Gomes, “o cabelo crespo, historicamente estigmatizado, tornou-se um dos primeiros alvos do racismo, pois nele se inscrevem marcas simbólicas da negritude que a sociedade tenta negar” (Gomes, 2006, p. 72). Essa análise dialoga com umas das cenas da narrativa exposto por Carolina, quando Bitita é ridicularizada pelas suas primas:

As minhas primas convidavam-me para brincar. Eu não gostava porque o meu cabelo não crescia e elas diziam: — Cabeça pelada! Cabeça pelada, cabeça de homem! Você não vai casar... porque os homens não se casam com as mulheres que não têm cabelos. Eu pedia a minha mãe para trançar os meus cabelos. Que dor! Um dia, a minha mãe mostrou-me um pente de ferro dizendo que os sinhôs obrigavam os escravos a pentear os cabelos com aqueles pentes. Porque o cabelo do negro é rústico. Que pente horrível. Arrancava todo o cabelo (Jesus, 2014, p. 72).

Esse episódio mostra como o cabelo crespo se torna um dos primeiros alvos de violência simbólica e emocional. As falas racistas das primas, além de machucarem Bitita, reproduzem um discurso que atravessa séculos e que tenta, de todas as formas, inferiorizar a estética negra, associando-a sempre a algo feio, inadequado ou que precisa ser 'alinhado'. Ademais, a humilhação sofrida pela garota demonstra de forma explícita como esse racismo afeta a autoimagem desde a infância, deixando marcas profundas ao longo da vida

Dessa forma, o cabelo acaba tornando-se um espaço de disputa simbólica na narrativa de Carolina, pois ele concentra dores, memórias, imposições sociais e, ao mesmo tempo, pode ser visto com um símbolo de resistência. É por esse pensamento que muitos autores rompem com a literatura tradicional e abrem espaços para a figura do negro em suas narrativas,

valorizando seu corpo, suas culturas e toda a história que carregam e afirmam com respaldos que o corpo negro, e de maneira particular, o cabelo crespo é um território político.

Nilma Lino defende essa ideia quando afirma que “mexer no cabelo da mulher negra é mexer na sua história, na sua ancestralidade, na sua identidade e na sua autoestima” (Gomes, 2012, p. 85). Nessa perspectiva, a situação que Bitita passou perante as primas não é um caso isolado, faz parte de um padrão histórico que tenta desqualificar aquilo que o racismo não consegue controlar.

Grada Kilomba também apresenta discussões que embarcam nessa ideia quando ela explica que o corpo negro é diariamente moldado em um espaço de projeção do olhar colonial. Para ela: “o racismo funciona como uma narrativa que tenta definir quem somos, enquanto nos silencia e nos coloca sempre no lugar do ‘outro’” (Kilomba, 2019, p. 50). Quando as primas de Bitita dizem que ela não poderá casar porque “não tem cabelo”, repetem essa lógica de inferiorização e silenciamento para com sujeito negro, reforçando que ele só pode existir sob a perspectiva branca e hegemônica.

Dessa forma, pode-se perceber que o racismo destina de maneira perversa os caminhos que o negro deve percorrer, uma vez que os colocam sempre em desvantagens no decorrer de suas trajetórias. Bitita descobre ser uma criança negra através dos comentários maldosos que sofria cotidianamente nos espaços e mesmo sendo uma criança, não ficou imune do racismo presente nos espaços que frequentava e em sua comunidade.

A forma grotesca e racista que Bitita compreendeu o significado de ser uma criança negra na sociedade, evidencia que as pessoas negras estão condicionadas, desde cedo, a refletir sobre a sua própria condição racial. De uma forma cruel e dura, a protagonista da história passa a entender que por ter uma pele escura estaria sempre colocada em posição de inferiorização e ser alvo de discriminações, assim como cresceu ouvindo e vendo as situações que os adultos negros passavam em sua comunidade. Carolina apresenta esse cenário quando narra que:

Eu notava que os brancos eram mais tranquilos porque já tinham seus meios de vida. E os negros, por não ter instrução, a vida era-lhes mais difícil. Quando conseguiam algum trabalho, era exaustivo. O meu avô com setenta e três anos arrancava pedras para os pedreiros fazerem os alicerces das casas. [...] Os pretos tinham pavor dos policiais, que os perseguiram. Para mim aquelas cenas eram semelhantes aos gatos correndo dos cães. Os brancos, que eram os donos do Brasil, não defendiam os negros. Apenas sorriam achando graça de ver os negros correndo de um lado para outro, procurando um refúgio para não serem atingidos por uma bala (Jesus, 2014, p. 52).

Essa passagem revela como a autora consegue através da memória da infância, trazer uma crítica perante as condições estruturais impostas ao povo negro. Bitita cresce testemunhando as injustas sofridas pelas pessoas negras que estavam ao seu redor, o trabalho

árduo e pesado, o medo constante da polícia, a precariedade material e o abandono daquela população.

Para bell hooks, esse processo é chamado de “lugar de dor histórica”, que se refere-se a uma espécie de consciência forçada, no qual as crianças negras aprendem a compreender a realidade do mundo por meio das violências simbólicas direcionadas as pessoas que vivem próximas a elas. Dentre essas violências também está o cabelo, pois é nele que recaem muitos dos estigmas que marcam negativamente a vida dessas crianças.

Carolina consegue expor como essa violência acontecia, ao relatar cenas que Bitita enfrentava por conta do seu cabelo:

— Cabelo pixaim! Cabelo duro! — Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco, que vontade de jogar pedras. O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me: — Bitita, atira uma pedra naquela manga para mim. Eu tinha alvo, era só jogar, e acertar. Pensava: ‘Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade’ (Jesus, 1986, p. 92).

Essa cena demonstra como o cabelo crespo, que é uma marca de ancestralidade africana, se torna, desde o período da infância, um espaço de violência psicológica e física. As falas racistas direcionadas a Bitita acaba fazendo a garota internalizar ao que dizem a respeito do seu cabelo, o que afetou de forma negativa a sua autoestima e a construção da sua identidade, fazendo ela sentir o desejo de que esse cabelo fosse diferente.

No entanto, mesmo diante da dor, Bitita tentava buscar algum sentido para si mesma e procurava enxergar que também podia ser útil assim como as meninas brancas. Isso revela como as meninas negras se esforçam para achar o seu próprio valor em meio às agressões simbólicas que costumam receber com frequência.

Dessa forma, o cabelo crespo por ser constantemente inferiorizado pela sociedade devido aos padrões eurocêntricos, carrega consigo muitas histórias que o povo negro enfrentou e continua enfrentando no meio social, ele ocupa um lugar de resistência, de memórias e dores. São fios que narram vivências e denunciam as marcas deixadas pelo racismo estrutural.

Como afirma Kilomba:

O cabelo africano é mais do que apenas cabelo. Ele é político. Ele é histórico. Ele é uma narrativa. Ele é um mapa, um código, uma memória. [...] O cabelo africano é um lugar onde o racismo inscreve a sua violência; é onde o colonialismo deixou marcas que ainda hoje tentamos apagar ou alisar. E quando decidimos usá-lo de forma natural, ou trançá-lo segundo os modos ancestrais, estamos dizendo que sobrevivemos. Que ainda estamos aqui. Que não esquecemos. O cabelo crespo, nesse sentido, é um campo de batalha — entre o que fomos obrigados a ser e aquilo que escolhemos recuperar como identidade (Kilomba, 2019, p.126-127).

Logo, como mencionado por Kilomba, o cabelo traz uma série de significados, é por meio dele que é evidenciado as relações de entrelaçamento e das experiências individuais com as heranças deixadas pelos ancestrais, bem como as apontam as obras de Conceição e Carolina de Jesus. As autoras conseguem dá novas atribuições ao cabelo, tornando-os como símbolo vivo que liga o passado a identidade negra contemporânea marcado por muita luta e acima de tudo resistência.

## 5 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar de que forma o cabelo afro e as tranças estão representados nas obras *Becos de Memória*, de Conceição Evaristo e *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, compreendendo como esses elementos da identidade negra estão carregados de valores ancestrais, que revelam a ancestralidade e o resgate da memória de um povo.

Para alcançar essa proposta, foi adotada uma metodologia de cunho bibliográfico e interpretativo, fundamentado em estudos sobre literatura afrofeminina, afro-diaspóricos, identidade negra, memórias culturais e análises críticas das próprias autoras. Com essa metodologia eficaz, foi possível relacionar teoria e narrativa literária, permitindo identificar como a simbologia do cabelo atravessa questões sociais, históricas e afetivas.

Apesar de algumas dificuldades, como a pouca presença de passagens que mencionavam especificamente sobre o cabelo afro em *Becos de Memória*, já que o grande foco da obra é falar sobre o desfavelamento dos moradores e sobre as memórias que a protagonista tinha dessas vivências, essas barreiras foram superadas por meio de uma leitura mais atenta e interpretativa, que possibilitou fazer a relação entre os elementos simbólicos presentes na obra e a discussão sobre identidade, memória e corpo negro.

No capítulo dois deste trabalho, foi possível compreender inicialmente a trajetória percorrida pela literatura afrofeminina que foi marcada por lutas e resistências diante das estruturas sociais. A discussão mostrou como as autoras negras utilizaram a escrita para romper com o sistema patriarcal e eurocêntrico que as invisibilizava no campo literário, a partir do que escreviam conseguiram reconstruir suas histórias e afirmar suas identidades, fazendo da literatura um espaço de resistência, memória e autorrepresentação. Quanto aos subtópicos desse capítulo sobre o cabelo afro, foi mostrado seu significado cultural e político para a comunidade negra, revelando como esse elemento funciona como símbolo de pertencimento e expressão das raízes africanas.

No capítulo três, foi possível perceber como o projeto estético de Conceição Evaristo é fundamentado em sua escrevivência, o que corrobora para que a autora valorize tanto as experiências pessoais quanto as coletivas de um povo que, historicamente, permaneceu às margens da sociedade. Em *Becos de Memória*, essa perspectiva é revelada na construção de personagens que carregam marcas de todo o sofrimento vivido, mas que também carregam a força de resistir a um sistema opressor.

Observou-se ainda de que forma o cabelo afro e as tranças, mesmo que de forma implícita, aparecem na narrativa sendo revelados como símbolos que reforçam a identidade das personagens e a presença de vozes ancestrais que atravessam suas vivências.

Por fim, no capítulo quatro dedicado a *Diário de Bitita*, compreendeu-se que Carolina Maria de Jesus consegue transformar a literatura em um espaço de memória e principalmente de denúncia social, através das vivências da protagonista. As referências sobre o cabelo nessa obra aparecem de forma mais clara, revelando que o impacto do racismo e da desigualdade social na formação identitária de Bitita. Dessa forma, o cabelo é apresentado como um mecanismo que conecta passado e presente, embora, contemporaneamente, continue sendo alvo de estereótipos sociais

Nesse contexto, conclui-se que o cabelo afro, enquanto signo literário, representa bem mais do que aparência: ele é um traço do corpo negro que carrega história, resistência e identidade dessa população. A valorização das representações analisadas colabora para o fortalecimento da literatura produzida por mulheres negras no Brasil, que continuam ampliando esse campo e propiciando maior reconhecimento para que muitas outras vozes possam ser ouvidas. Além disso, contribuem para promover debates sobre diversidade, inclusão e reivindicação de seus direitos diante das injustiças presente no cenário brasileiro.

Por fim, esta pesquisa abre caminhos para novos desdobramentos, principalmente no campo de estudos sobre o corpo negro, literatura afrofemenina, memória e identidade. Possíveis investigações futuras podem possibilitar o aprofundamento das comparações das autoras e explorar diferentes símbolos de ancestralidade presentes na literatura brasileira. Há também a possibilidade de continuidade deste estudo em especializações ou mestrado, ampliando essas discussões e enfatizando sobre a importância dos elementos culturais afro-brasileiros na construção das narrativas literárias, reafirmando sua relevância para o entendimento das identidades, resistências e das memórias presentes do povo negro.

## REFERÊNCIAS

- ABRANTES, Maria Simone Nascimento; SILVA, Maria Analice Pereira da. **Educação antirracista: uma proposta de leitura do Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus**. In: CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 2023. Anais... [S.l.]: Editora Realize, 2023. Disponível em:  
[https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO\\_COMPLETO\\_EV185\\_MD1\\_ID4855\\_TB8068\\_17112023103619.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2023/TRABALHO_COMPLETO_EV185_MD1_ID4855_TB8068_17112023103619.pdf). Acesso em: 23 nov. 2025.
- ARAÚJO, Eliza de Souza Silva. **Becos da memória, de Conceição Evaristo: uma escrivência da memória da mulher negra no Brasil**. Letras & Ideias, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 13–29, jan./jun. 2019.
- BBC NEWS BRASIL. **A história por trás da frase "Black is Beautiful"**. 8 abr. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-56670268>. Acesso em: 27 out. 2025.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Revista e Corrigida. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2012.
- EVARISTO, Conceição. **A escrivência e seus subtextos**. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella; SANTOS, Marília; RIBEIRO, Nívea; SILVA, Paula (org.). **Literatura, gênero e raça: ensaios**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 4. ed. São Paulo: Pallas, 2006.
- EVARISTO, Conceição. **Canções para ninar menino grande**. Rio de Janeiro: Malê, 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Entrevista concedida ao Blogueiras Feministas – De olho na Web e no mundo**, 30 set. 2010. Disponível em:  
<https://nossaescrivencia.blogspot.com/2012/11/conceicao-evaristo-literatura-e.html>. Acesso em: 13 nov. 2025.
- EVARISTO, Conceição. Entrevista concedida a Aline Alves Arruda. **Jangada**, n. 14, jul./dez. 2019.
- EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.
- FARIAS, Tom. Carolina Maria de Jesus. LetrAfrom – **Literatura Brasileira Afrodescendente**, 2020. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/58-carolina-maria-de-jesus>. Acesso em: 07 dez. 2025.

FERREIRA DA COSTA CRUZ, Denise; PONTES GOMES, Larisse Louise; SANTOS, Luane Bento dos. **“Não é só pelo cabelo”**: Cabelo crespo e mulheres negras em busca do amor interior. *Novos Debates*, [S. l.], v. 7, n. 2, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação, identidade negra e formação de professores**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

hooks, bell. **Anseios**: raça, gênero e política cultural. Tradução: Ana Luiza Libânio. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Heloisa Toller Gomes. 2. ed. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **Talking Back: Thinking Feminist, Thinking Black**. Boston: South End Press, 1989.

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. 2. ed. São Paulo: SESI-SP Editora, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014. (Publicado originalmente em 1960).

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Lisboa: Edições 70, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PASLAWSKI, Luana Gabriela. **Os homens negros em Ponciá Vicêncio e Canção para ninar menino grande, de Conceição Evaristo**. 2024. 105 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.

PERET, Flávia. **Da escrita como resistência**. Belo Horizonte: Relicário, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Victória Karine Mattos dos. **Pelos becos da memória: um estudo da experiência negro-feminina na contemporaneidade através da literatura de Conceição Evaristo**.

2021. 69 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2021.

SILVA, Ana Rita Santiago da. **Da literatura negra à literatura afro-feminina**. Revista Via Atlântica, n. 18, p. 91–102, dez. 2010.